UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA PERSPECTIVA DA DEFINIÇÃO IDENTITÁRIA: O CASO DE LUCIENE E JOÃO.

DÉBORA ALVES DA MATA FARIA

Brasília-DF

2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA PERSPECTIVA DA DEFINIÇÃO IDENTITÁRIA: O CASO DE LUCIENE E JOÃO.

DÉBORA ALVES DA MATA FARIA

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília sob a orientação da Prof. Dra. Kátia Augusto Curado.

Brasília-DF

2014

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA PERSPECTIVA DA DEFINIÇÃO IDENTITÁRIA: O CASO DE LUCIENE E JOÃO.

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília sob a orientação da Prof. Dra. Kátia Augusto Curado.

Comissão Examinadora:

_____

Professora Dr.ª Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva
(Orientadora)

_____

Professora Dr.ª Shirleide Pereira da Silva Cruz
(Examinadora)

_____

Professora Dr.ª Fátima Lucília Vidal Rodrigues
(Examinadora)

_____

Professor Dr. Cleyton Hércules Gontijo
(Suplente)

A Relação professor-aluno na perspectiva da definição identitária. O caso de Luciene e João. Débora Alves da Mata Faria - Brasília, 2014
66 p.

Monografia – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2014
Orientadora: Doutora Kátia Augusto Curado Pinheiro Cordeiro da Silva

1. Conceito de definição identitária. 2. Estudo de caso. 3. Reflexões na prática pedagógica.

A todos(as) que escolheram verdadeiramente a docência como profissão, e através desta não apenas educam, mas tornam sonhos possíveis, através de uma realidade libertadora.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus pelo dom da vida.

À minha família, pelo apoio e amor incondicional que com certeza me ajudaram a chegar tão longe. Destaco aqui minha mãe, que sempre admirei por sua dedicação e empenho em sua profissão de docente, de todas é a professora que mais admiro, minha maior inspiração.

À minha querida orientadora, prof.ª Dr. Kátia Curado, por ter me acolhido num momento tão importante como o de conclusão da graduação. Sou muito grata por todas as contribuições e momentos de aprendizado.

À professora Shirleide por toda a ajuda recebida principalmente no período de estágio, e a professora Fátima Vidal, por todas as reflexões proporcionadas durante todo o processo de escrita deste trabalho.

Aos amigos que conquistei e cultivei ao longo da minha caminhada acadêmica, das quais destaco Bárbara Luiza e Larissa Fiaiz, que me acompanharam em todos os momentos.

À todos(as) os professores(as), pelos momentos significativos de aprendizagem, especialmente aqueles que ainda hoje fazem parte da minha história, me inspiram e me motivam a escolher minha profissão todos os dias e fazer a diferença.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade investigar e compreender as possibilidades de se estabelecer uma relação professor-aluno na perspectiva da definição identitária, abordada por Batista Neto (2006) ao longo do capítulo 12 presente no livro “Formação de professores e prática pedagógica”, sendo esta baseada na valorização do afeto e do reconhecimento do outro na diversidade existente. Nesta perspectiva buscou-se observar e participar do cotidiano de uma escola pública situada na Asa Norte ao longo do semestre, afim de analisar a proposta da instituição e principalmente as relações estabelecidas entre os sujeitos relacionando com a temática escolhida. A partir das observações, foi feito um estudo bibliográfico acerca da temática Relação professor-aluno no intuito de compreender como se dá esta relação e quais as influências históricas, culturais e sociais que as permeiam. Nesse sentido buscou-se relacionar teoria e prática, considerando a experiência de estágio como mais uma oportunidade de reflexão e enriquecimento. Para isso, a discussão teórica foi relacionada à prática a partir de três vertentes: A relação professor-aluno a partir do conceito de definição identitária, com o objetivo de explicitar o conceito de definição identitária presente nesta relação; A relação professor-aluno: discutindo vivências, buscando compreender esta relação através de análises do cotidiano escolar vivenciadas no período de estágio; A definição identitária pautada pelo reconhecimento da diversidade na relação professor-aluno, afim de identificar possibilidades de se estabelecer uma relação entre professor e aluno a partir da definição identitária.

Palavras-chave: Relação professor-aluno; Definição Identitária; Reconhecimento; Diversidade; Afeto.

“Acreditamos que a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressiva, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver a nossa opção. Encarná-la, diminuindo, assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos.”

(Paulo Freire)

Sumário

Memorial Educativo 10
Introdução 17
Capítulo I- A relação professor-aluno a partir do conceito de definição identitária..... 19
1.1 O que é uma Relação Pedagógica? 20
1.2 Diferentes perspectivas para se pensar a relação professor-aluno. 22
1.3 A Perspectiva do conceito de definição identitária.....27
Capítulo II - A relação professor – aluno: discutindo experiências..... 30
2.1. Apresentação da escola. 31
2.2. Conhecendo o Projeto Político Pedagógico da escola. 32
2.3. Conhecendo a turma do 2° Ano “G”. 37
Capítulo III - A definição identitária pautada pelo reconhecimento da diversidade na relação professor-aluno. 39
Considerações finais 46
Perspectivas profissionais 48
Referências bibliográficas..... 49
Anexo 1..... 50
Anexo 2..... 59

MEMORIAL EDUCATIVO

Minha vida escolar iniciou-se aos dois anos de idade em uma escola particular chamada Sementinha. Minha mãe era professora nessa escola, portanto conseguiu uma bolsa de estudos integral para mim. Como eu era muito pequena, minhas lembranças dessa época são poucas, alguns detalhes vagos eu me lembro, outros descobri em conversas com minha mãe. Entre os detalhes que me lembro, está minha primeira professora. Seu nome é Míriam, ela era muito bonita e tinha cabelos longos e loiros. Este detalhe parece dispensável, mas naquela época me chamava tanta atenção, que eu dizia o tempo todo que queria ser loira, e perguntava à minha mãe porque eu não era loira assim como minha professora Míriam, a quem eu chamava carinhosamente de Xuxa, e esse assunto rendia muitas explicações de minha mãe. A questão é que eu a admirava muito, e isso se refletia nessa vontade que eu tinha de me parecer com ela. Fui aluna da professora Míriam no maternal 1(1992) e no Infantil 5(1995). Hoje ao escrever essa memória vejo desenhado a importância do objeto do qual me debruço, pois não foi o aspecto cognitivo ou metodológico que marcou minha primeira experiência, mas exatamente a afetividade positiva que foi estabelecida com a primeira professora.

Em 1994, a escola Sementinha passou a se chamar Arvense, porém a direção e o quadro de funcionários permaneceram praticamente os mesmos. Em 1996, fui alfabetizada pela professora Ivone, que sempre me incentivou, exaltando minhas qualidades, como a facilidade para o desenho, por exemplo. Esse cuidado de elogiar minhas conquistas, foi extremamente importante para mim, principalmente numa fase transitória repleta de crises e descobertas como a de alfabetização. Ao final do ano letivo, tive minha primeira formatura, a formatura das turminhas de Alfabetização (Infantil 6). E para registrar este momento, cada criança fez um pequeno álbum de fotos com pessoas escolhidas por afinidade, sempre em grupos de seis: seis professoras, seis colegas de turma, seis funcionários da escola. Entre as professoras escolhidas por mim estavam a coordenadora Mariângela, que hoje é curiosamente minha coordenadora em meu emprego atual e a professora Ivone, com quem mantenho contato até hoje através de redes sociais, ela inclusive foi uma das pessoas a me parabenizar por ter sido aprovada no vestibular da Universidade de Brasília. Mais uma vez destaco a importância do professor, que durante o período

de Alfabetização foi marcante não somente pela afetividade, mas também pelo apoio e motivação constantes que foram fundamentais em meu processo de aprendizagem.

Estudei no colégio Arvense por mais quatro anos, da primeira à quarta série do Ensino Fundamental I, e neste período tive outras professoras que também contribuíram muito para minha formação. O Arvense é uma escola de Método Natural com base Freinetiana, que tem como proposta pedagógica proporcionar o desenvolvimento integral do aluno através da Pedagogia da Auto expressão e da Alfabetização Natural além de possuir uma metodologia baseada em projetos que permeiam todo o processo de ensino-aprendizagem, o projeto “Mala de leitura” é um exemplo de projeto que marcou minha trajetória escolar e que funciona até hoje. Ele tem como objetivo principal desenvolver o hábito da leitura. Outro aspecto muito presente na filosofia da escola, é a possibilidade de estar constantemente em contato com a natureza, tínhamos uma área verde enorme, onde havia viveiros de coelhos e pássaros, três parquinhos, área externa e até casinha na árvore.

Essa fase inicial da minha trajetória escolar foi bastante marcante e dela me recordo com muito carinho, pois, estabeleci relações significativas com as professoras e demais funcionários da escola (conhecia todos eles), descobri minhas aptidões, desenvolvi o gosto pela leitura, conquistei as primeiras amizades, e considero que além das experiências positivas obtidas através de uma boa relação professor-aluno, a metodologia da escola e a qualidade dos espaços e ambientes de aprendizagem também contribuíram bastante para que houvesse uma aprendizagem significativa. Considero portanto que tive uma educação inicial de qualidade.

Em 2001, aos 11 anos tive que mudar de escola, pois, o Arvense ia apenas até a quarta série do Ensino Fundamental I. Minha mãe conseguiu emprego no colégio Mackenzie, fiz a prova de bolsas e consegui bolsa integral. Essa mudança de escola foi difícil para mim, em todos os aspectos, pois, além da mudança de fase que ocorre naturalmente entre a 4° e a 5°séries, afinal agora eu teria uma professora para cada disciplina, havia também a mudança de ambiente, pessoas, método, enfim, tudo estava mudado. Era estranho ir para a escola, que agora havia dobrado de tamanho, e não conhecer o porteiro, ou as tias da limpeza. Diferente do Arvense, o Mackenzie era uma escola bastante tradicional. Estudei dois anos no Mackenzie,

em 2001 e 2002(5° e 6° série), e após a fase de adaptação comecei a fazer amizades e a entrar no ritmo da escola, participei da escolinha de basquete, do clube de teatro, estabeleci boas relações com os professores, mas nada comparado a minha escola antiga, era uma relação saudável e de muito respeito, mas com menos proximidade. Muitas vezes sentia falta de uma relação mais próxima com meus professores, e me lembrava da antiga escola onde essa relação acontecia de forma tão adequada, e havia proximidade na medida certa. Porém, apesar das diferenças e dificuldades encontradas, essa fase foi muito importante para o meu amadurecimento e também me recordo com carinho.

Em 2003 precisei mudar de escola novamente, pois, houve uma mudança na direção da escola e minha mãe foi mandada embora. Sem ter como pagar a mensalidade de uma escola particular, fui matriculada na 409 norte, uma escola pública. Essa talvez tenha sido a mudança mais sofrida para mim. Agora além das mudanças que estava acostumada, método diferente, novos amigos, novos professores, havia a mudança de estrutura física da escola. Senti uma diferença muito grande quando entrei na escola e vi paredes pichadas, número de carteiras insuficientes, e nenhum outro espaço de aprendizagem além da sala de aula. Lembro que fiquei arrasada, até o dia em que fiquei sabendo que teríamos aulas práticas na Escola Parque da 210 Norte.

Com o tempo fui me adaptando à nova realidade, algumas vezes voltava para casa por falta de professor outras por falta de água. Apesar das dificuldades, fiz muitos amigos e adorava os dias de Escola Parque. Minha relação com os professores nessa época foi diferente de todas as outras vezes, tive relações muito boas e muito ruins. Tive um professor de ciências que era estrangeiro, muito rigoroso e nada carismático, famoso por suas provas difíceis e aulas cansativas, marcadas por monólogos, e que não se mostrava disponível em momento algum, a insatisfação era geral, tanto que chegamos a fazer um abaixo assinado para que ele saísse da escola, mas não obtivemos sucesso. Em contrapartida tive uma professora maravilhosa de teatro, a professora Léo. Diferente do outro professor, ela mantinha uma relação de proximidade e paciência, e investia em nosso potencial. Eu adorava as aulas de teatro, mas também era muito tímida, e quando a professora disse que faríamos uma peça para apresentar para toda a escola e posteriormente em outras escolas próximas a nossa, cheguei a pensar em abandonar as aulas de

teatro, mas gostava tanto da professora e das aulas que decidi ficar. E foi maravilhosa a experiência, fizemos um remake de Romeu e Julieta, com músicas do Legião Urbana.

Apesar de ter me adaptado à escola e feito amizades que duram até hoje, não conseguia me adaptar de jeito nenhum ao professor de Ciências e pedia constantemente para mudar de escola. Então em 2004 mudei para 104 Norte. Na nova escola fiz mais amizades que também permanecem até os dias de hoje, e mantive boas relações com meus professores. Lá também tinha Escola Parque, onde eu fazia aulas de basquete, dança, e piano. Duas professoras foram marcantes nessa época, a professora Vera de matemática e a professora Maria Lúcia de Ensino Religioso. Sempre tive muita dificuldade em Matemática, e pela primeira vez em minha trajetória escolar, senti que poderia inverter esse quadro e tirar notas boas na matéria, pois, a professora Vera estava sempre disposta a ajudar, nos impulsionando sempre que percebia alguma queda em nosso rendimento. Já a professora Maria Lúcia era muito carismática e fazia questão de manter um relacionamento de proximidade conosco.

Concluindo minha Educação Básica, fiz meu Ensino Médio em duas escolas. Estudei dois anos no CEAN, colégio público situado na Asa Norte e fiz o terceiro ano no colégio particular La Salle. O CEAN foi um colégio marcante, lá amadureci bastante, me tornei uma estudante mais politizada, participei desde eleições para o Grêmio da escola até manifestações nas ruas por uma educação melhor. O CEAN era uma escola muito democrática, onde mesmo diante de um sistema educacional muitas vezes perverso e retrógrado, havia sempre a possibilidade de diálogo entre docentes e discentes, assim como entre todos os outros agentes educadores da escola. Em 2007 fui estudar no colégio La Salle, e novamente passei por mudanças de estrutura, amizades, professores, etc. Mas de todas as mudanças, a que mais senti foi a diferença de ambiente, enquanto o CEAN era um colégio altamente politizado, o La Salle era tradicional e nada politizado. Os alunos não só respeitavam as decisões tomadas, como também acatavam tudo, questionando-se poucas vezes.

Lá percebi que em relação ao conteúdo, eu iria precisar de muito esforço para alcançar os demais, mas tratando-se de consciência e capacidade de questionar-me, estava bem à frente de muitos ali. Com o passar do ano fui me rendendo a essa cultura de “estudar para o vestibular” e comecei a participar de

plantões das matérias que eu tinha mais dificuldade, como Física, química, Biologia e matemática. Durante os plantões tive a oportunidade de me aproximar um pouco mais dos professores, e essa proximidade novamente fez toda a diferença. Nesse período passava quase um dia inteiro na escola, e acabei fortalecendo minhas amizades com os alunos, professores e demais funcionários da escola.

Apesar de ter superado muitas dificuldades de aprendizagem, não consegui ingressar na Universidade de Brasília pelo PAS. Logo em seguida fiz o vestibular tradicional e também não passei. Como queria muito entrar na Universidade de Brasília, decidi então que faria cursinho Pré- vestibular e me matriculei num cursinho chamado Exatas. Lá fiz muitas amizades, e tive professores muito bons que me ajudaram bastante a estudar com mais profundidade os conteúdos exigidos pelo vestibular da Universidade de Brasília. Como os professores tinham turmas cheias, e a procura por eles era muito grande, eles nem sempre estavam disponíveis. Portanto nessa fase uma figura importante para mim foi a de monitor, pois, eles estavam ali exatamente para suprir a dificuldade que os professores tinham de atender a todos os estudantes.

Fiz um ano e meio de cursinho e considero que foi um período determinante nesse processo de passagem para o Ensino Superior, pois, lá adquiri disciplina e uma rotina de estudos que me auxiliaram muito e fizeram toda a diferença, além de ter conhecido uma amiga especial que foi a grande responsável por minha escolha pelo curso de Pedagogia, seu nome é Larissa Fiaiz. Ela parecia estar muito decidida a cursar Pedagogia e com todo seu empenho e visão romântica do curso, me convenceu a mudar minha opção principal (porque tinha muitas na época) que até então era o curso de Psicologia. Antes de conhecê-la, já havia pensado na possibilidade de cursar Pedagogia justamente por ter a influência da minha mãe e até mesmo por minha trajetória escolar, porém, por uma questão cultural de que a carreira de professor é sofrida e mal remunerada me negava a tentar essa opção.

Diante das possibilidades de escolha, e inspirada por essa amiga especial, decidi prestar vestibular para o curso de Pedagogia. No final de 2009 fomos aprovadas e ingressamos na Universidade de Brasília no primeiro semestre de 2010.

Ao ingressar no curso de Pedagogia, tive que cursar a disciplina de Antropologia da Educação, e percebi imediatamente que a área da Educação é muito mais complexa e abrange muitas questões que estão relacionadas ao ato de ensinar, como o reconhecimento da diversidade de culturas, diversidade de opiniões, e outras tantas diversidades e incompletudes inerentes ao sujeito. Logo no início do curso, conheci outra pessoa especial que com toda sua disciplina, organização e determinação me conquistou, seu nome é Bárbara Luiza. Juntas, eu, Larissa e Bárbara fomos nos ajudando, descobrindo as inúmeras possibilidades que nosso curso nos oferecia, e traçando nossa trajetória profissional.

Nos semestres seguintes fiz muitas outras disciplinas e Projetos que acrescentaram muito em minha formação, algumas tiveram uma espécie de "participação especial" em meu currículo, dentre elas destaco Educação Infantil, com a professora Maria de Fátima Guerra; Tópicos Especiais em Psicologia da Educação, com a professora Silmara Carina; Projeto 4 fase 1, com a professora Paula Cobucci; Projeto 4 fase 2, com as professoras Shirleide e Kátia Curado e Seminário Trabalho de Final de Curso, com a professora Fátima Vidal, pois, todas elas me auxiliaram na escolha do tema para a escrita do presente trabalho.

Juntamente com as disciplinas, considero importante citar os nomes das professoras que as ministraram, pois, com certeza a forma como cada uma conduziu sua disciplina foi para mim, determinante, pois, em todas elas tive espaço para questionamentos, trocas de experiências, e muito material de qualidade que nos proporcionou discussões aprofundadas.

Além das disciplinas cursadas, também destaco minhas oportunidades de estágio, tanto os obrigatórios como o estágio extracurricular, pois, ambos me proporcionaram experiências muito ricas e fundamentais para que eu pudesse vivenciar na prática muito do que estava aprendendo nas disciplinas além de terem contribuído para a escolha do tema de minha monografia.

Em meu quinto semestre consegui um estágio no Colégio Marista João Paulo II como auxiliar de sala e lá estagiei por dois anos, em 2012 e 2013. Lá aprendi muito sobre a profissão que havia escolhido, participei de palestras oferecidas pela instituição em semanas pedagógicas e de atividades e projetos interdisciplinares junto aos estudantes e professores, além de ter observado de perto a rotina diária de

uma sala de aula de maneira participativa. Durante esse período (2°/2013) iniciei a primeira fase do meu estágio obrigatório, já em meu sétimo semestre, em uma escola pública da Estrutural que por motivos administrativos estava funcionando em uma escola na Asa Sul. Lá eu tive a oportunidade de conhecer uma dura realidade, onde as crianças deixavam de ir à escola por falta de dinheiro ou porque tinham que cuidar de seus irmãos pequenos, onde muitas vezes a merenda da escola era a principal refeição do dia, os materiais de sala eram trazidos de casa pelas professoras, e onde a relação professor-aluno era desgastada pelas dificuldades diárias. Quando terminei meu período de observação nesta escola, resolvi doar alguns materiais do Marista que haviam sobrado e estavam praticamente novos, como canetinhas, caixas de lápis de cor, potes de massinha e gibis.

No início de 2014, mesmo não estando formada, consegui meu primeiro emprego na área, fui contratada pelo Colégio Marista João Paulo II como professora extraclasse. No primeiro semestre deste mesmo ano, iniciei minha segunda fase do estágio obrigatório em uma escola pública situada na Asa Norte. Foi durante essa segunda fase de estágio obrigatório observando a relação harmoniosa e ao mesmo tempo conflituosa construída em sala de aula entre professora e alunos que surgiram algumas questões como, a importância da figura do professor para o aluno e como essa relação entre ambos pode ser fortalecida quando pautada pelo respeito e interesse mútuos, e na busca por solucionar estas e muitas outras questões que foram surgindo decidi escrever minha monografia nesta área.

INTRODUÇÃO

O tema abordado neste trabalho, é frequentemente discutido a partir de diferentes perspectivas que proporcionam reflexões acerca de ideais de educação que revelam-se através da prática que adotamos em nosso dia-a-dia e que interfere nas relações que estabelecemos. Em meio a essa diversidade de vertentes, existem alguns aspectos que são indispensáveis em uma relação entre professor e aluno, como por exemplo, o afeto e o reconhecimento do outro.

Com o intuito de buscar maneiras de tornar essa relação mais prazerosa e sensível a diversidade, buscou-se conhecer e compreender o conceito de definição identitária, abordado por Batista Neto (2006) no livro “Formação de professores e prática pedagógica” capítulo 12. Tal conceito aborda questões como a assimetria dos sujeitos, que fala essencialmente da importância de se considerar os diferentes papéis atribuídos através da organização do espaço escolar, mas que pode ir além desta função, contribuindo com reflexões acerca da identidade de cada sujeito e demonstrando as vantagens que existem em sermos diferentes nos mais variados aspectos.

O embasamento teórico foi extremamente necessário, principalmente por se tratar de um estudo aprofundado que surgiu a partir da experiência adquirida no contexto escolar através de observações participativas do estágio, tais observações contribuíram imensamente, pois, proporcionaram maior aproximação dos sujeitos de pesquisa, e enriqueceram o trabalho através das primeiras reflexões que foram fundamentais para a realização do mesmo.

Após a experiência de estágio e muitas inquietações acerca da temática, surgiu a necessidade de fazer a associação entre teoria e prática, e para contextualizar o principal conceito abordado, fez-se um estudo que reuniu algumas das principais teorias que contribuíram com análises criteriosas ao longo dos anos. Além disso, foram discutidos outros conceitos fundamentais para a compreensão do

conceito abordado em uma relação professor-aluno como, por exemplo, o de Relação Pedagógica, que está intrinsicamente ligado a Relação professor-aluno. Em seguida, foram discutidas as experiências vivenciadas no estágio, a partir da leitura do Projeto Político Pedagógico da escola, e de análises de rotina especificamente da turma do 2° Ano “G” escolhida pela pesquisadora.

Com o objetivo de analisar a importância da relação professor-aluno e pensar em diferentes maneiras de se estabelecer tal relação, utilizando como exemplo o caso da professora Luciene e seu aluno João, concluiu-se a escrita deste trabalho através de ponderações feitas acerca das reflexões proporcionadas nos primeiros capítulos, baseadas em diferentes perspectivas, especialmente a perspectiva do conceito de definição identitária, buscando sempre relacionar o conceito abordado com a importância da afetividade e do reconhecimento da diversidade em uma relação professor-aluno, além de reconhecer a importância de seguirmos em busca de relações mais justas e significativas ao longo do processo educativo, em que haja espaço para sermos mais como verdadeiramente somos, pois, quando nos reconhecemos e nos afirmamos de tal maneira, definimos nossa identidade, e consequentemente nos preparamos para conhecermos e reconhecermos a identidade do outro.

CAPÍTULO I - A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO A PARTIR DO CONCEITO DE DEFINIÇÃO IDENTITÁRIA

Não se pode falar em relação professor-aluno sem antes falar em relação pedagógica, pois, a relação professor-aluno se estabelece no cotidiano da escola, em ambientes como a sala de aula cuja dinâmica proposta pela instituição serve como norteadora do processo de ensino e aprendizagem, e é conduzida pelo professor. Assim, segundo Batista Neto (2006), pode-se dizer que a relação professor-aluno é um elemento central da relação pedagógica que constitui a instituição escolar, e dessa forma ela assume uma relação com os objetivos e finalidade desta instituição.

Mesmo que vinculada às características estabelecidas pela instituição escolar, a relação que se dá entre professor e aluno tem a possibilidade de assumir características singulares, advindas da liberdade presente no espaço particular da sala de aula. Sendo portanto essa uma relação que possibilita a liberdade entre os sujeitos envolvidos, torna-se necessária uma definição identitária clara, para que os papéis não se confundam.

Através desta delimitação de papéis é assumida a diferença existente entre as experiências sociais e acadêmicas e entre os saberes adquiridos por cada um, e a partir desta diferença a relação entre ambos é estabelecida. Acima de tudo, a relação estabelecida entre professor e aluno deve ser pautada pelo respeito mútuo, de forma que haja uma relação de autoridade, não no sentido de autoritarismo, mas de reconhecimento da figura do professor como o sistematizador do planejamento do processo de ensino-aprendizagem, do profissional do conhecimento, da pesquisa e do planejamento. Da mesma forma, a possibilidade do professor aprender com o aluno deve ser considerada como um fator enriquecedor desta relação.

Dirigindo-se à essa relação de respeito aos saberes adquiridos pelo professor e também pelo aluno, Freire (2014) afirma que:

> [...] O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. (FREIRE, 2014, P. 58, grifo do autor).

Portanto, é possível notar através das palavras de Freire (2014) que existe uma linha tênue entre a boa conduta na relação professor-aluno e a transgressão dos princípios éticos intrínsecos à ela.

1.1 O que é uma Relação Pedagógica?

Dentre as características relativas à relação pedagógica, sua ligação com o ambiente escolar é a mais importante considerando-se que a relação pedagógica ocorre no interior da instituição escolar, em uma sala de aula, mesmo que não se restrinja a este espaço. Pode-se dizer portanto que os processos de ensino e aprendizagem que ocorrem em sala de aula, são como uma semente que é plantada para posteriormente ser colhida, ou seja, após serem apreendidos, os conhecimentos adquiridos a partir desta relação podem ser aplicados fora dos muros da escola.

Segundo Batista Neto (2006) a relação pedagógica pode ser mais ou menos estrita dependendo do nível de ensino em que ela ocorre. Independentemente de ser mais ou menos estrita, esta relação sempre será uma prática coletiva, e sendo uma prática coletiva envolve diferentes sujeitos cada qual com sua contribuição. Nesse sentido relação pedagógica é toda relação que envolve a ação contínua de ensino/aprendizagem por parte dos sujeitos envolvidos, através de um espaço educativo que tem como um de seus principais objetivos, possibilitar uma aprendizagem significativa.

Outra característica importante da relação pedagógica é sua capacidade de flexibilização, podendo ser de caráter público, ou privado.

> A Relação Pedagógica assume um caráter público porque envolve elementos instituídos no domínio do público, como o currículo, o material de ensino (em particular o livro didático), as normas de avaliação, a organização dos níveis de ensino, dos cursos, do ano letivo, da carga horária letiva, entre outros. Essa mesma relação

> também é uma relação privada, porque se realiza na intimidade da sala de aula, distante do olhar dos gestores dos sistemas, de administradores das instituições escolares, dos colegas de profissão e dos pais. (BATISTA NETO, 2006, p. 168)

Desta forma mesmo que exista uma equipe multidisciplinar envolvida no processo educativo, o professor é o sujeito mais próximo do aluno no cotidiano escolar, portanto a relação estabelecida em sala de aula acaba sendo o reflexo do trabalho planejado e realizado pelo professor. Uma característica desta relação que se dá entre professor e aluno, é a conquista diária que ocorre justamente pelo fato de ambos não serem escolhidos. E nessa dinâmica, é importante que o professor participe de maneira conjunta, ocasionando situações favoráveis à esta relação, e estando presente em todas elas, afinal, todo professor é vulnerável à alteridade do estudante.

Freire (2014) em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, afirma que não pode haver uma separação radical entre seriedade docente e afetividade, ou seja, o cognitivo não depende da negação do afetivo para existir, nem a afetividade pode interferir de maneira a negligenciar a atuação do docente. O ideal é que haja um equilíbrio, onde a afetividade sirva como facilitadora na promoção do conhecimento de maneira rigorosa, mas sem perder a amabilidade.

Assim, não se pode falar em relação pedagógica sem levar em consideração as relações que se estabelecem entre os sujeitos, e consequentemente entre estes e o conhecimento, ocasionando os processos ensino e aprendizagem de maneira significativa. Afinal, afetividade é afetar e ser afetado pelo outro no sentido relacional e também no sentido cognoscitivo.

Retomando o fato de que a relação pedagógica se dá em um espaço escolar, e que além da relação professor-aluno, que é uma relação naturalmente mais próxima, existe a relação do aluno com os demais sujeitos pedagógicos e também do professor com estes sujeitos, é possível inferir que a grande questão da relação pedagógica está na capacidade de relacionar o caráter público e privado desta relação, de maneira a possibilitar a realização de um trabalho em sala de aula em conformidade com as práticas pedagógicas da Instituição.

Diante desta questão, um elemento facilitador do processo relacional entre os sujeitos envolvidos, seria novamente a definição identitária, que como dito

anteriormente faz-se extremamente necessária na relação privada de uma sala de aula por se tratar de um ambiente onde há uma liberdade naturalmente maior, porém, vai além da sala de aula a necessidade de definir bem os papéis entre os sujeitos, pois, esta definição quando estabelecida com o cuidado de não inferiorizar uns nem superestimar outros, facilita a concretização dos objetivos educacionais.

1.2 Diferentes perspectivas para se pensar a relação professor-aluno.

Durante muito tempo a figura do professor foi considerada central no processo educativo como sendo o único detentor do conhecimento. A escola que até então, possuía uma proposta de ensino baseada na Pedagogia Tradicional, promovia uma educação igualitária, e com a justificativa de promover a igualdade de oportunidades os conteúdos eram transmitidos indistintamente através de aulas expositivas, pois, acreditava-se que todos pudessem aprendê-los num mesmo ritmo e da mesma maneira. Dessa forma, não era respeitada a individualidade de cada um e o grupo de maneira geral saía prejudicado.

Em contraposição à homogeneização do ensino proposta pela pedagogia tradicional, surge na primeira metade do século XX o movimento da Escola Nova que propõe uma renovação do ensino e muda significativamente o cenário educacional. Se antes o professor era considerado figura central do processo educativo, a partir de agora ele continua sendo uma importante figura, porém, deixa de ser apenas transmissor do conteúdo para tornar-se acima de tudo, participante do processo de ensino/aprendizagem. O aluno passa a ser figura principal, e se torna mais participativo, deixando de ser apenas receptor. Surge espaço para o diálogo e para a experimentação, e consequentemente para uma relação entre professor e aluno, que aproxima sujeito-sujeito e sujeito-conhecimento.

Diante desse novo contexto educacional pode-se destacar, além da relação mais próxima e participativa estabelecida entre professor e aluno, a busca por valorizar o contexto social do aluno.

> Dentre alguns princípios gerais do escolanovismo é possível destacar o fato de se buscar considerar o ambiente imediato do aluno, da escola, enfim, do meio em que vive o aluno, de se levar em conta o conhecimento das características do grupo de alunos envolvidos na aprendizagem e de se procurar dar atenção a temáticas contemporâneas, pertinentes à vida dos educandos. Na

> prática isso levava à busca da inter-relação entre as atividades escolares e as necessidades e interesses dos educandos e das comunidades, tendo em vista a compreensão rigorosa do mundo por meio da pesquisa, do debate e do estudo de situações-problema. (BATISTA NETO, 2006, p. 170).

A valorização do contexto social do aluno portanto, surge como meio principal de rompimento com a homogeneidade, visto que, as experiências vivenciadas no meio em que vive, quando relacionadas às experiências vividas no ambiente escolar, facilitam a compreensão do aluno enquanto sujeito singular, e auxiliam o professor no reconhecimento da diversidade presente no grupo. Além disso, o conhecimento prévio trazido pelo aluno passa a ser uma importante contribuição diante do conteúdo a ser ensinado.

Nesse contexto de mudanças no cenário educacional, alguns autores contribuíram com análises criteriosas do ambiente escolar e de sua importância para a formação do sujeito. As chamadas Teorias críticas, surgem principalmente com a intenção de questionar a educação considerada acrítica existente até então, pois, mesmo com as contribuições do escolanovismo, acreditava-se que a educação ainda tinha um caráter reprodutivista e tecnicista.

Diante das críticas feitas ao modelo educacional, havia um ponto de concordância entre os teóricos críticos, o caráter dominador e opressor da educação e dos sujeitos envolvidos. No que diz respeito à relação professor-aluno, mesmo havendo evidências de uma mudança positiva, onde houve uma aproximação entre ambos, ainda havia uma separação ideológica por parte das teorias críticas, onde o professor era compreendido como veiculador da cultura dominante, e portanto dominador, e o aluno ainda que mais participativo, era compreendido como oprimido tendo sido superficialmente incluído no processo de ensino/aprendizagem.

De acordo com Batista Neto (2006) isso ocorria justamente pelo fato de que a relação professor-aluno era confundida com as características das relações de classe, onde o conhecimento era tido como instrumento de dominação, sendo dominador aquele que o possuía, e onde havia muito mais uma preocupação em analisar criticamente a educação e as relações estabelecidas através dela, do que elaborar propostas pedagógicas para melhorá-las. Ainda assim, o autor considera que mesmo com uma forte tendência a fazer análises, os conhecimentos surgidos a partir das Teorias Críticas foram de extrema importância para o aprofundamento

teórico, e contribuíram com o aperfeiçoamento da discussão em torno da diversidade, facilitando a compreensão e aceitação do termo.

A escola encontra-se mais do que vinculada à sociedade, ambas estão articuladas. Quando se faz um panorama das diferentes perspectivas que permeiam a relação professor-aluno ao longo da história, ainda é possível notar as influências de cada uma nos dias atuais. Porém, há uma característica diferenciada, a relação professor-aluno se dá de maneira dialógica, cujos conteúdos são ensinados não com objetivo de serem apenas reproduzidos, mas com a intenção de que a partir do conhecimento transmitido e dialogado, novos conhecimentos possam ser gerados, lembrando que ainda assim existem escolas que tem muitos traços da educação propagada através da Pedagogia tradicional.

O diálogo precisa estar presente na relação entre professor e aluno, pois, para que o professor seja capaz de compreender que há sempre a possibilidade do resultado obtido pelo aluno a partir do que foi ensinado estar correto, mesmo que não seja o esperado por ele, é necessária uma relação de proximidade entre ambos, que possibilite uma percepção melhor do outro. Esse ato de reconhecimento da autonomia e capacidade de contribuição do outro é, além de um fator enriquecedor, algo necessário. Porém, para que haja este reconhecimento por parte do professor a proximidade e o interesse entre ambos faz-se fundamental, caso contrário pode ocorrer que o professor passe despercebido e/ou seja negligente diante da situação. Portanto:

> Uma maneira de visualizar a importância de nossa relação com os alunos é pensar nos resultados não-intencionais. Pretendemos que nossos alunos aprendam algumas coisas... Mas pode acontecer que além disso (ou em vez disso), eles estejam aprendendo outras, que preferíamos que não aprendessem e que aprendem porque nós lhes ensinamos, embora não nos demos conta disso (ou não nos demos conta inteiramente, mas não damos especial atenção a esse aprendizado não-intencional) ... O que se ensina sem querer ensinar, e o que se aprende sem querer aprender, pode ser, e com frequência é, o mais importante e o mais permanente do processo de ensino-aprendizado, e isso por sua vez, depende em boa medida, do estilo de relação que estabelecemos com os alunos. (MORALES, 2001, p. 15 e 16).

Tratando-se ainda da influência da relação professor-aluno nos resultados obtidos de maneira intencional e não-intencional, Morales (2001) afirma que todos

os professores podem ser modelos de identificação, e quando além do prestígio o professor tem o carinho e a aceitação dos alunos, a possibilidade do aluno aprender mais do que o professor pretende ensinar é maior, além disso, como modelo de identificação, o professor pode ser mais ou menos assumido pelo aluno.

Para Morales (2001), o professor ensina inclusive por meio de sua postura, de sua maneira de resolver conflitos, de comentários incidentais, simplesmente através de seu jeito de ser. Sendo assim, o professor que está sempre atento a todos estes detalhes que estão inerentes à sua figura, é capaz de ensinar através deles atitudes e valores negativos ou positivos sem ao menos perceber, muitas vezes esses comportamentos quando positivos, reforçam, impulsionam a fixação do conteúdo por parte do aluno, já quando negativos podem servir de obstáculo para o aprendizado do mesmo.

Portanto, quando além de estar atento as suas próprias atitudes e comportamentos, o professor também está atento aos sinais enviados pelo aluno que demonstram sua disposição para aprender, através de sua história pessoal, momento vital (saúde, preocupações atuais), e o contexto o qual está inserido, o aprendizado acontece de maneira mais efetiva e enriquecedora.

É importante ressaltar que o cuidado e a afetividade quando presentes na relação entre professor e aluno facilitam a assimilação do conteúdo por parte do aluno, mas não garantem que essa assimilação ocorra, e nem que o distanciamento e a falta de afetividade determinem o fracasso do aluno. A este respeito Piaget afirma em seu artigo “Inconsciente afetivo e Inconsciente cognitivo”:

> É incontestável que o afeto exerce um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto, não haveria interesse, necessidade, motivação, e, consequentemente, não haveria inteligência. A afetividade é condição necessária na constituição da inteligência, mas em minha opinião, não é suficiente. (PIAGET, 1992, grifo do autor).

Sendo assim, Piaget (1992) considera que não existe um comportamento ou estado puramente cognitivo ou afetivo, e sim que existe uma relação de correspondência entre eles, sendo a estrutura dos comportamentos cognitiva e a força (economia) afetiva. Piaget também afirma que a necessidade caminha junto com a estrutura cognitiva, de tal forma que quanto mais distante fica a aprendizagem

da necessidade, mais motivação será necessária para que a criança se interesse e aprenda. O interesse portanto carregado de afeto, é mobilizador tanto quanto o desinteresse é desmotivador.

Vygotsky também se preocupou em relacionar aspectos cognitivos e afetivos em suas teorias. Para Vygotsky, a consciência é uma unidade funcional, indissolúvel, compreendendo o intelecto e a afetividade. Em seu livro “Pensamento e linguagem” (1985) Vygotsky afirma que:

> Aquele, que desde o princípio, separou pensamento e afeto renunciou definitivamente à possibilidade de explicar as causas do próprio pensamento, pois, uma análise determinista do pensamento supõe necessariamente a descoberta dos seus motivos, assim como das necessidades e dos interesses, dos impulsos e das tendências que dirigem seu movimento para este ou aquele sentido. Da mesma forma, aquele que separou pensamento e afeto tornou, a princípio, impossível o estudo da influência que o pensamento exerce, por sua vez, sobre o caráter afetivo e volitivo da vida psíquica. De fato, a análise determinista da vida psíquica tanto exclui que se atribua ao pensamento uma força mágica capaz de definir o comportamento do homem exclusivamente através do seu próprio sistema, quanto à transformação do pensamento em um inútil apêndice do comportamento, em sua sombra impotente e vã. (1985, p.42).

Mais uma vez é possível notar a relação entre afetividade e cognição, dessa vez como possibilidade de explicar as causas do pensamento, e da influência que o mesmo exerce sobre o caráter afetivo. Portanto, quando se trata de ensino a partir da perspectiva da relação entre cognição e afetividade, é importante que o professor dê uma assistência ao aluno, de forma a dar-lhe uma direção diante da diversidade de conteúdos estudados e que essa assistência não seja apenas diretiva, mas também acolhedora, compreensiva, de forma que ele compreenda que o aluno possui necessidades e muitas vezes não consegue percebê-las de imediato.

Diante desse contexto, Morales (2001) lembrando da relação estabelecida entre professor e aluno em um ambiente singular como a sala de aula, afirma que:

> A relação professor-aluno na sala de aula é complexa e abarca vários aspectos; não se pode reduzi-la a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa. Além disso, embora estejamos enfatizando a relação do professor com os alunos (o professor é o sujeito principal, aquele que de alguma maneira inicia a relação), os alunos também influem no professor que dá a deixa: a relação que o professor inicia influi nos alunos, os quais, por sua vez, influem no

> professor e reforçam determinado estilo de relação professor-aluno. (MORALES, 2001, ps. 49 e 50).

Ainda segundo Morales (2001), a partir desta perspectiva da singularidade do ambiente de sala de aula, portanto, a relação entre professor e aluno pode ser entendida através de três dimensões principais: Qualidade das relações interpessoais, que manifesta-se principalmente quando há uma preocupação em dedicar tempo à comunicação com os alunos, assim como, a demonstração de afeto e interesse; estrutura, no sentido de promover a eficácia do aprendizado por meio da quantidade e qualidade de informação fornecida ao aluno através de uma orientação flexível e adaptável a realidade de cada um; e autonomia, que diz respeito a liberdade concedida nas atividades de aprendizado e a capacidade do professor de incentivar a motivação interna do aluno.

Basicamente o principal fator da relação professor-aluno são os sujeitos envolvidos, portanto, mesmo que haja autonomia por parte do aluno, o mesmo pode ser podado pelo professor ao invés de estimulado, da mesma forma que mesmo quando estimulado pelo professor, ainda existe a possibilidade do aluno enquanto sujeito singular, não demonstrar autonomia no momento esperado.

1.3 A Perspectiva do conceito de definição identitária.

Diante das diferentes perspectivas que permeiam a relação entre professor e aluno, a perspectiva da definição identitária é destacada por Batista Neto (2006) como algo necessário em uma relação de sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, considerando que é necessária uma assimetria entre os sujeitos pedagógicos para que a relação entre ambos não seja prejudicada.

Antes de tratar do conceito de definição identitária é necessário compreender que o conceito de identidade não é um conceito fechado, mas que tem diferentes perspectivas. Segundo Pimenta (1997), a identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A partir desta perspectiva é possível compreender melhor os sujeitos escolares, pois, a partir do contexto e do ambiente o qual estão inseridos, surgem diferentes características e necessidades.

Além do contexto histórico e social, é importante considerar a função da escola respeitando as diferentes vertentes e pontos de vista que juntos contribuem para a constituição do espaço escolar enquanto instituição que possui ideais e finalidades a serem não apenas ensinados, mas antes de tudo discutidos.

Percebe-se portanto a necessidade de um diálogo entre contexto histórico-social e as finalidades da escola, para que as identidades dos sujeitos pedagógicos sejam construídas diariamente pautadas no reconhecimento das diferenças e singularidades de cada um, de maneira que os papéis não se confundam mas conversem e se enriqueçam a partir do olhar do outro, através da experiência da troca de saberes e de conhecimentos prévios e adquiridos, da história de vida, das diferentes personalidades, dentre outros fatores que constituem essa relação, e que são proporcionados pela assimetria dos sujeitos.

Ainda sobre a perspectiva da assimetria dos sujeitos, Batista Neto (2006) afirma:

> A relação professor-aluno stricto sensu é um elemento central da relação pedagógica que constitui a instituição escolar. A relação professor-aluno, está, portanto ligada a um certo número de características necessárias e contingentes da relação pedagógica. A primeira característica necessária é a assimetria entre os sujeitos pedagógicos. (BATISTA NETO, 2006, p.167).

Portanto, a chamada assimetria dos sujeitos é uma característica necessária à relação pedagógica que constitui o conceito definido por Batista Neto (2006) por definição identitária. Segundo Monique Hishorn (1993) professor e aluno, encontram-se em posições relativas distintas frente aos saberes que a escola tem por finalidade socializar. Diante disso, é importante que haja um comportamento reflexivo principalmente por parte do professor na hora de estabelecer a relação com os alunos, pois, é através deste comportamento reflexivo que é possível diferenciar autoridade de autoritarismo, e dessa forma agir de maneira coerente, afinal, é no compartilhamento da complexidade de significados socialmente produzidos que brota o sentido da relação pedagógica, portanto, por mais que se estabeleça ordem e/ou hierarquia através de um sistema, professor e aluno estão sempre em ação conjunta.

O professor reflexivo, portanto, é aquele que vive a experiência e está em constante formação refletindo sempre sobre ela, que busca planejar e organizar suas ideias pensando em atingir seus alunos positivamente e para tal, precisa compreender o conhecimento a ser ensinado e pesquisar a melhor forma de ensiná-lo. Porém, a prática reflexiva só é possível através do trabalho coletivo dentro da escola, da reflexão coletiva e principalmente da troca de experiências, fatores que só existem através das relações estabelecidas pelos sujeitos pedagógicos. É possível concluir portanto, que a prática reflexiva está diretamente ligada a perspectiva da definição identitária, sendo a principal característica necessária para que esta definição de identidades não torne a relação entre professor e aluno impessoal e imperativa ocasionando o afastamento entre ambos, mas que seja uma característica que ajude a estabelecer uma relação clara e coesa considerando não apenas os diferentes papéis atribuídos através da organização do espaço escolar, mas principalmente a coexistência de ambos.

QUADRO – Relação professor-aluno e suas principais influências.

Como visto ao longo do primeiro capítulo, a relação professor-aluno faz parte do contexto escolar, e portanto, sofre diversas influências. No quadro acima é possível observar três principais influências: Cotidiano escolar, através das experiências sociais e acadêmicas; Proposta da Instituição, através do projeto

político pedagógico, um dos principais documentos norteadores da instituição escolar; e Sala de aula, espaço particular do professor e de seus alunos, onde ocorrem situações que por mais que sofram influências externas, são especialmente únicas e íntimas, essa condição, portanto, reforça a necessidade se estabelecer uma relação pautada pelo reconhecimento de si e do outro.

CAPÍTULO II - A RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO: DISCUTINDO EXPERIÊNCIAS

Com o objetivo de analisar a relação professor-aluno e sua importância no processo pedagógico, realizou-se um estudo de caso envolvendo os sujeitos pedagógicos de uma Escola Pública situada no Plano Piloto, mais precisamente da turma do 2° Ano “G”. Durante o período de observação na escola foi possível participar das atividades e da rotina dos estudantes, presenciar situações variadas que envolviam todos os sujeitos pedagógicos, especialmente a professora Luciene e o aluno João, ambos nomes fictícios, que se tornaram o foco das observações em consequência de suas contribuições por vezes involuntárias, relacionadas ao tema escolhido para a realização do presente trabalho.

Luciene é graduada em psicologia, pós graduada em Alfabetização, Educação Infantil e Psicopedagogia, e dá aula a 26 anos na rede pública. Bastante acolhedora, mostrou-se disponível desde o primeiro dia de observação. A característica que ficou rapidamente em evidência foi sua postura sempre compreensiva e paciente com as crianças, além de seu interesse por cada um sem distinção. Em algumas dinâmicas conversacionais, Luciene disse que lamentava não poder dar a atenção necessária a seus alunos, principalmente aqueles que ela notava que precisavam de um cuidado diferenciado.

João é um aluno de 8 anos de idade com suspeita de altas habilidades, que por estar sempre disperso e inquieto, chamou atenção desde o início das observações na escola. Logo no primeiro dia, em uma rápida conversa informal com João, foi possível inferir que ele não estava interessado nas atividades propostas, e o motivo ficou claro após sua explicação quando disse que não gostava de escrever e como tinha que escrever todo o tempo, achava tudo muito chato. Minutos depois João estava passeando pela escola enquanto a aula continuava normalmente, esse

era seu refúgio, sua maneira de se livrar das aulas “chatas”, cheias de coisas para escrever.

Mais tarde durante uma conversa, João disse que sabia ler desde os três anos de idade e que isso não era tão “chato” quanto escrever no caderno. Durante uma atividade de leitura coletiva foi possível notar que João realmente lia muito bem, e gostava de ler em público. Então ficou claro que João precisava estar realmente envolvido para participar das atividades propostas, e a leitura coletiva era uma maneira de envolvê-lo.

O caso de Luciene e João foi apenas um escolhido entre muitos, pois, a parceria estabelecida com a escola, contribuiu bastante com as observações. Durante o período de estágio obrigatório, muitas reflexões foram feitas a partir dos questionamentos que surgiram ao longo do processo, grande parte destes questionamentos estavam relacionados às relações estabelecidas entre os sujeitos pedagógicos escolhidos como protagonistas deste trabalho.

Diante do exposto pode-se dizer que uma das principais intenções que surgiram ao longo deste estudo de caso foi analisar e compreender um fenômeno social, educacional tão complexo como a relação estabelecida entre professor e aluno a partir do conceito de definição identitária, e de todas as implicações e características advindas deste.

2.1. Apresentação da escola.

A Escola analisada foi fundada em 13 de Março de 1984 pelo governador da época José Ornellas de Souza Filho. Seu nível de ensino é o de Educação Básica, com as seguintes modalidades: Educação Infantil, Ensino Fundamental (1° a 4° série) e Ensino Fundamental de 9 anos (B.I.A). É bastante acolhedora, tanto fisicamente, através de espaços coloridos e alegres e de salas de aula bem ornamentadas, como também através da cordialidade dos funcionários da escola, esse aspecto ressalta inclusive o interesse pela temática, pois uma das principais características é o acolhimento, ou seja, a ênfase na relação com o outro para tornar mais efetivo e prazeroso o processo de aprender.

As salas de aula buscam seguir um padrão, são coloridas, possuem alfabeto exposto, quadro branco, mural externo (que trabalham temas voltados

principalmente para as datas comemorativas) e um cantinho reservado para a leitura que possui uma pequena prateleira cheia de livros, onde o aluno pode escolher um livro para ler nos momentos de leitura e também nos intervalos entre uma atividade e outra. Na hora do recreio as crianças brincam no pátio e num parquinho de areia que fica na entrada da escola na parte lateral. Outro fator importante e que acrescenta muito na formação dos alunos, é a oferta de aulas extracurriculares como o yoga, balé, capoeira, e etc. que atendem aos estudantes e também a comunidade. Além disso, a escola possui uma APM ativa, com reuniões que ocorrem periodicamente no horário de coordenação junto com os professores.

Pode-se dizer que de todas as características observadas na escola analisada, a principal foi justamente a abertura da escola à participação da comunidade, fator que contribui bastante para o índice de qualidade da instituição, visto que todos participam da organização escolar, contribuindo de alguma forma. Esta característica foi a principal motivadora na escolha da escola para a realização das observações.

2.2. Conhecendo o Projeto Político Pedagógico da escola.

Durante o período de visitas o PPP da escola estava em construção, portanto, o PPP analisado foi o de 2008 época em que a diretora era a senhora Maristela Costa Bonfim e a vice-diretora a senhora Lucelena Mugarte Carvalho Coimbra. Esse PPP foi elaborado por todos os segmentos da escola, inclusive os pais dos alunos, e se divide em 13 partes: Apresentação, Introdução, Dados de identificação, Missão, Histórico da Instituição educacional, Diagnóstico, Objetivos, Princípios Norteadores, Organização Administrativa, Organização Curricular, Avaliação, Bibliografia, e Anexos, algumas partes foram destacadas e utilizadas no presente trabalho.

Na apresentação o PPP discorre a respeito das metas, projetos e práticas da escola. Seu principal objetivo é a melhoria da qualidade do ensino público e para atingi-lo a escola se fundamenta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e em documentos decorrentes. A escola desenvolve Projetos próprios juntamente com os projetos sociais e pedagógicos do GDF dando sempre ênfase à “Pluralidade Cultural” e a importância das relações no processo educativo, destacando a necessidade de uma inclusão bem feita dos alunos PNEEs e também da

sustentabilidade, ambas pautadas por uma educação coletiva que envolve todos os sujeitos pedagógicos.

Na Introdução é dito que a Proposta Pedagógica do ano de 2008 foi essencialmente trazer à tona valores obscurecidos pelo contexto sociocultural nacional e internacional, principalmente no que diz respeito ao tema escolhido como principal: Sustentabilidade, a fim de despertar nas crianças a necessidade de se conscientizar e perceber a importância de cuidar do planeta, deixando sempre claro que é uma responsabilidade de todos enquanto cidadãos.

a) Missão da Escola

Segundo o PPP de 2008, a escola está fundamentada em valores humanísticos/Filosóficos e tem como missão formar cidadãos críticos, éticos e preparados para superar os desafios impostos pelo mundo globalizado e interferir positivamente na sociedade em que vivem. Um fator essencial para o alcance da missão proposta é a relação estabelecida entre os sujeitos que compõe a escola, especialmente entre professor e aluno, que como visto anteriormente tem o caráter de proximidade, privado da sala de aula.

b) Histórico da Instituição Educacional

A escola foi fundada pelo então governador da época José Ornellas de Souza Filho no dia 13 de Março de 1984.

O projeto inicial tinha como objetivo atender as pessoas da quadra onde a escola está inserida, porém, com o passar do tempo o perfil dos alunos mudou e a escola passou a atender alunos vindos de outras localidades.

A estrutura física inicial era composta de: 10 salas de aula, 01 cantina, 01 biblioteca, 01 secretaria, 01 direção, 01 sala de professores, 01 sala de auxiliares de educação, 09 banheiros e uma sala de arquivo. Em 2008 essa estrutura física era composta por: 01sala de informática, 09 salas de aula, 01sala de recursos, 01 biblioteca, 01 secretaria, 01 direção, 01 sala de professores, 01 sala de SOE, 01 sala de auxiliares da educação, 07 banheiros, 02 depósitos de materiais, 01 depósito de gêneros alimentícios, uma sala de arquivo, pátios e jardins externos.

c) Infra-Estrutura e Instalações

A escola possui prédio próprio, bem conservado, porém, parte do mobiliário se encontrava em estado precário (armários, mesas e cadeiras), atualmente houve uma melhoria, chegaram carteiras e mesas novas, porém os armários das professoras ainda estão bastante gastos. Outro quesito importante questionado no PPP da escola, é a melhoria dos espaços comuns da escola, pois, ainda é falho, e é preciso garantir melhor acesso principalmente para os alunos cadeirantes e/ou com dificuldades motoras diversas.

d) Clientela

A comunidade escolar é composta, por: militares, comerciários, pequenos empresários, empregados domésticos, porteiros, e outros profissionais que residem e/ou trabalham nas quadras vizinhas à quadra onde a escola analisada está situada. Na época, o total de alunos era de 445, sendo 233 meninos e 212 meninas. Dessa quantidade 43% reside na asa norte.

e) Influência da Legislação

Dentre muitas outras leis e diretrizes presentes no PPP da escola, é destacada no texto a Lei no. 9394/96, LEI DE DIRETRIZES E BASES que coloca no artigo 3°, no princípio número 1, que o ensino será ministrado com bases na "igualdade de condições para o acesso e permanência na escola."

Para atingir esse e outros objetivos, a escola enfatiza em seu PPP a importância da articulação entre escola e comunidade através da APM e de projetos e de um corpo docente graduado, que busca constante aprimoramento dos estudos por meio de cursos de capacitação, seminários internos e externos à escola, congressos, etc. Inclusive com o objetivo de aperfeiçoar a equipe, são oferecidos cursos na EAPE como: cursos de educação infantil, educação inclusiva, Bloco de iniciação à alfabetização, e cursos para capacitação de docentes para melhor atender aos alunos PNEEs.

f) Princípios Norteadores

O respeito é citado no PPP da escola como o grande Princípio Norteador em suas mais variadas formas: respeito a si mesmo, respeito ao próximo, respeito ao mundo em que vivemos, visando formar cidadãos politizados e participantes que

reconhecem o outro a partir da diversidade existente. A escola procura dessa forma proporcionar o desenvolvimento integral dos alunos enquanto sujeitos oferecendo todo tipo de orientação: orientação sexual, orientação sobre o uso de drogas, orientações sobre a inclusão e sobre os cuidados com o meio ambiente. O respeito é portanto o elo entre as relações, e é notória a preocupação da escola em efetivar este princípio através de projetos que proporcionam práticas reflexivas e conscientização dos estudantes e educadores, embora seja importante ressaltar que o respeito é importante, porém, mais importante e necessário, é o reconhecimento do outro, que realmente nos faz enxergar nesse outro não só as semelhanças e aquilo que nos convém, mas também as diferenças, e não somente respeitá-las, mas aceitá-las verdadeiramente.

g) Espaço utilizado pelos alunos e professores

Dentre os espaços utilizados pelos alunos e professores, o local onde eles provavelmente passam a maior parte do tempo é a sala de aula. As salas de aula são bastante coloridas, ambientadas e conservadas, porém, uma questão frequentemente levantada pelos pais dos alunos é o fato das salas de aula serem muito pequenas, aspecto que dificulta a execução do trabalho devido à grande quantidade de alunos por turma.

h) Formação de professores

Além dos cursos ofertados na EAPE, são propósitos das coordenações coletivas estudar o currículo, o Estatuto da criança e do adolescente, e as necessidades educacionais especiais, sempre buscando acrescentar informações fundamentais à formação do professor. A escola analisada possui um público diversificado, e atende um número considerável de PNEEs, portanto a formação continuada é fundamental, especialmente para atender este público.

i) Projetos

A escola possui projetos internos e externos, listados a seguir (considerando que os dados do PPP são referentes ao ano de 2008):

- Projetos fomentados pela SEDF:

Ciência em Foco; Bloco Inicial de Alfabetização; implantação/implementação do ensino fundamental de 9 anos; Saúde do trabalhador; Consciência Negra; Inclusão; Pdaf; Escola Integral.

- Projetos internos:

Recreio; limpeza/conservação; economia; show de talentos; escola integral; a escola para a comunidade; reforço escolar; estagiário-bolsista; biblioteca; sala de recurso; projeto DF limpo. Atualmente a escola oferece aulas de Yoga para crianças com dificuldades de concentração, capoeira, Balé (para crianças), dança do ventre (para crianças e adultos), e aulas de inglês e espanhol abertas à comunidade.

Estes projetos, principalmente os internos, são um diferencial da escola, pois, atendem não só os alunos como também a comunidade, estreitando os laços e estabelecendo vínculos entre ambos, o que torna a comunidade escolar mais atrativa e diferenciada. Diante da proposta do PPP da escola classe analisada é possível notar que é dada uma importância a formação de sujeitos pautada no respeito (princípio norteador) e na valorização de relações afetivas, evidenciando o papel de cada sujeito de maneira a somatizar e providenciar a troca de experiências e não de dividir a comunidade escolar em educadores que apenas ensinam e alunos que somente aprendem.

Ao ler o PPP da escola, foi possível notar traços de identificação com a temática do presente trabalho, principalmente no que diz respeito a Missão da Instituição e Princípios Norteadores, em que temas como o respeito, o reconhecimento do outro e a capacidade de interferir positivamente na sociedade são destacados, e tratando-se da relação estabelecida entre professor e aluno, todos estes são essenciais. O estudo do PPP da escola portanto, foi extremamente importante não só por ajudar a compreender a dinâmica da escola durante o período de observação, como também por servir de incentivo na escolha da temática deste trabalho.

Após a leitura do PPP as observações foram enriquecidas a medida em que o olhar da observadora se tornou sensível à realidade dos sujeitos observados, e isso possibilitou compreender melhor as ações da professora com seus alunos, assim como as da direção de uma maneira geral em sua tentativa de estar presente nos momentos em que era solicitada. Portanto, em todas as situações observadas,

houve um esforço de colocar-se no lugar, pensar em como poderia ser resolvido de outra forma, e a partir de então as observações se tornaram bastante participativas.

2.3. Conhecendo a turma do 2° Ano “G”.

A turma do 2° Ano “G” possui ao todo 24 alunos, dentre eles três necessitam de atenção especial: João, com suspeita de altas habilidades; Luiz e Joana com defasagem de aprendizagem, especialmente no período de alfabetização. É uma turma mista, que possui muitos alunos vindos da escola Vivendo, que é uma associação de pais e mestres, que gere uma escola, e tem como principal ideia associar a proposta educacional inovadora à experiência associativa, possui uma metodologia diferente de muitas escolas, inclusive da adotada pela escola analisada, o que segundo a professora Luciene dificultou bastante o trabalho no início do ano.

Outro aspecto em evidência é que as famílias são de diferentes classes sociais, possuem vivências diferentes, moram em localidades variadas, muitas na região da escola, já outras moram no entorno mas trabalham por perto, a maioria é presente no cotidiano escolar, porém, ainda existem famílias ausentes.

Em relação ao início do ano a turma está mais homogênea, mas a necessidade de atender a todos os grupos que formam a turma sem que ninguém fique prejudicado tem sido um grande desafio para a professora, que afirma ser difícil dar a atenção necessária às crianças que necessitam de um acompanhamento mais próximo, sem deixar o restante do grupo desamparado e vice-versa. Importante destacar que existe uma preocupação por parte da professora em atender os alunos de maneira igualitária, trabalhando com as diferenças na busca de valorizá-las, pois, é fato que elas existem especialmente para favorecer toda a experimentação e subversão das identidades existentes, que só é possível porque somos diferentes, porém, na tentativa de proteger os alunos que precisam de atenção redobrada de possíveis “bullings” a professora acaba evidenciando essa diferença de maneira negativa, fragilizando a imagem destes alunos.

Batista Neto (2006) afirma que é inerente à aprendizagem de um grupo realizar-se a ritmos e duração distintos, esta afirmação define bem a relação estabelecida entre professora e alunos no caso da turma do 2° Ano “G”, pois, a

relação estabelecida entre professora e alunos, é de muita empatia assim como a relação entre os alunos.

Isso fica visível principalmente nos momentos de tarefa coletiva, em que todos se ajudam e prestam atenção aos comandos da professora, e mesmo quando há dispersão por parte de alguns alunos, há um esforço dos colegas para ensinar rapidamente o que ficou para trás, assim como a professora está sempre disposta a atender e sanar as dúvidas que surgem, tendo o cuidado e a preocupação permanentes em respeitar o ritmo e as necessidades e limitações de cada um, assim como compreende a necessidade de considerar o fato de que na relação pedagógica professores e alunos possuem níveis diferenciados de compreensão da mesma prática social.

Outro aspecto observado no cotidiano da turma é a definição dos papéis de professor e aluno que ocorre naturalmente em função da organização institucional, mas que na prática, se torna uma relação democrática, em que mesmo com diferenças no modo de agir, ambos se colocam na posição de aprendizes, isso ressalta a importância de uma definição identitária estabelecida através de um comportamento reflexivo que diferencie autoridade de autoritarismo, em que o respeito, o reconhecimento e o afeto são conquistados socialmente, através das experiências diárias que proporcionam reflexões e crescimento, e não sendo apenas hierarquicamente cobrados.

CAPÍTULO III - A DEFINIÇÃO IDENTITÁRIA PAUTADA PELO RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.

Durante o período de observação, as relações estabelecidas entre os sujeitos chamaram bastante atenção, porém, em meio a todas elas houve uma que se destacou: a relação entre a professora Luciene e seu aluno João. Apesar dos anos de profissão de Luciene, e de tudo que aprendera até ali, João era mais uma experiência que como muitas, chegara com suas particularidades, alegrias e dificuldades, e como tal exigia dela como professora, muita dedicação e preparo para lidar com as particularidades presentes nas situações cotidianas da melhor forma possível.

Em dinâmicas conversacionais Luciene disse que uma das maiores dificuldades enfrentadas em seu trabalho são as classes inclusivas, pois, existe apenas uma monitora para auxiliar, e cabe aos professores regentes de turma darem o apoio necessário a essas crianças mesmo diante das dificuldades. Dessa forma, os professores recebem esses estudantes em suas classes, com o mínimo de apoio e têm que atendê-los em suas necessidades, sem que o restante da turma fique prejudicado de alguma forma, o que é praticamente impossível. Diante desse contexto, Luciene diz ter consciência que enquanto houverem lacunas nesse processo de inclusão alguém infelizmente será prejudicado. João é uma dessas crianças que nitidamente sofre com as falhas no processo de inclusão.

Por ter características de uma criança com altas habilidades, João necessita de um acompanhamento próximo, e requer uma atenção especial, principalmente porque em seu caso o grande desafio é mantê-lo envolvido, pois, ele está sempre muito disperso e como meio de fuga, sai de sala e fica passeando pela escola. Isso

já se tornou um hábito, todos conhecem João na escola e parecem estar acostumados com essa situação. Sempre que foge de sala, Luciene conversa com ele, e algumas vezes até vai atrás, explica que ele não pode sair desse jeito de sala, que isso o prejudica e atrapalha o andamento da aula, que vai conversar com seus pais, e mesmo assim, João continua fugindo.

No que diz respeito a relação professor-aluno envolvendo os sujeitos pedagógicos citados, o principal conflito existente é justamente o fato de que a relação estabelecida entre a professora e seu aluno João é bastante diferente da estabelecida com os demais alunos, principalmente no que diz respeito a aproximação, que no caso de João, por ser excessiva acaba se tornando personalista, dificultando a assimetria de sujeitos, característica necessária para que haja uma definição identitária clara, que garanta uma relação pedagógica em que os papéis dos sujeitos não se confundam, mas se complementem numa dinâmica constante de ensino e aprendizagem.

Quando se fala em relação professor-aluno há uma diversidade de práticas baseadas em diferentes perspectivas, cada qual com sua contribuição, construídas em um dado período histórico, cultural e social. Diante deste contexto, é chegado um tempo em que a educação se encontra entre o tradicional e o inovador, e isto se reflete principalmente nas instituições educacionais, em que existe uma dicotomia entre as escolas tradicionais, que têm como principal característica a rigidez no ensino transmitido de maneira conteudista, e as libertadoras, que buscam justamente romper com essa perspectiva tradicional de educação, e nesse entremeio estão escolas onde o tradicional e o inovador se confundem.

Nesse cenário educacional estão os sujeitos pedagógicos, que se relacionam entre si e com o meio o qual estão inseridos, sendo este meio atrelado a diversas características que influenciam as práticas dos sujeitos envolvidos ao longo do processo educativo. Nesse sentido Nóvoa (1995) afirma que a escola necessita ser pensada como uma organização global do trabalho pedagógico, para que a prática do docente seja favorecida. Nóvoa (1995) diz ainda que a profissão docente não pode ser pensada sem a articulação da dimensão pessoal, profissional e organizacional, ou seja, é necessário compreender a prática docente através de todos os aspectos que dela fazem parte, pois, somente assim é possível obter os

resultados almejados através de um processo mais humanizado e carregado de sentido.

Morales (2001) ao falar sobre a relação professor-aluno, destaca a qualidade nas relações interpessoais como uma característica necessária em tal relação, como forma de contribuição com o processo educacional, porém, mesmo uma característica tão essencial e necessária, sem uma estrutura adequada juntamente com uma equipe organizada em prol deste processo, se torna enfraquecida.

Nesse sentido, durante as observações feitas na turma do 2° Ano “G” foi possível perceber os dois aspectos, público e privado, presentes na relação professor-aluno estabelecida entre os sujeitos Luciene e João, ou seja, notou-se a autoridade e a determinação em manter relações de qualidade por parte da docente em sala de aula, e também a influência dos fatores externos na prática da mesma.

A necessidade de que estes dois aspectos se complementem ficou clara nesta relação, visto que a professora enfrenta dificuldades como por exemplo, as falhas no processo de inclusão, advindas de um problema externo a sala de aula, que é a estrutura mínima das classes inclusivas que contam somente com uma monitora para atender a todas as crianças. Diante disso, ela precisa encontrar maneiras de manter João mais próximo dos outros estudantes ao mesmo tempo em que tem de seguir em frente com o conteúdo que é extenso, e durante esse processo, muitas vezes acaba acentuando a diferença de comportamento existente entre João e os demais alunos quando o deixa “solto” nos momentos em que ele se recusa a fazer a tarefa, ou quando chama sua atenção diversas vezes ressaltando sua dispersão.

Sobre a importância da equidade nas relações com o outro, como principal meio de influência no aprendizado, Vygotsky (1991) diz que o professor é compreendido como o mediador entre o sujeito e o objeto de seu conhecimento, interferido no processo de aprendizagem, e considerando os aspectos de linguagem, cultura e zona de desenvolvimento proximal, ou seja, a criança aprende junto a outro o que produz o grupo social, seja na linguagem, valores ou conhecimentos.

Nesse sentido pode-se dizer que o professor deve, não somente mediar as situações de aprendizagem que surgem no grupo, como também participar ativamente deste processo educativo, sendo a participação, ação principal, e

também consequência de uma relação que envolve sujeitos vulneráveis uns aos outros. Portanto é extremamente importante que ambos, professor e alunos, assim como os alunos entre si estejam bem relacionados, e que sejam capazes não só de respeitar, mas de reconhecer o outro na diversidade do grupo e de cada um, pois, antes de se chegar ao conhecimento, é necessário chegar ao sujeito, compreender seu espaço, sua trajetória, suas experiências vivenciadas dentro e fora do ambiente escolar, para que a partir dessa imersão na realidade do outro, seja possível construir juntos um ambiente favorável a aprendizagem.

Vygotsky (1991) também ressalta o papel da Instituição Escolar no processo educativo, para ele, a intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente, sendo capaz de estimular a criança a atingir um nível de compreensão que ainda não domina completamente, mas que posteriormente possa dominar a partir de um ensino que valorize seu conhecimento prévio, e de uma mediação enriquecedora por parte do professor, que seja sensível para conhecer seus alunos, de tal forma que não os desmotive ensinando aquilo que eles já sabem, ou ensinando coisas novas sem se preocupar com o nível de conhecimento atual de seus alunos, e como numa turma existe a possibilidade de ter presente estes e muitos outros perfis de aluno, cabe ao professor a sensibilidade de trabalhar de acordo com as necessidades de cada um.

A partir dos pensamentos de Vygotsky (1991) é possível notar o poder do afeto, presente nas ações de quem escolheu de fato ser professor, pois, por mais que pareça estranho, infelizmente existem professores que mesmo depois de formados ainda não escolheram verdadeiramente ser professor, apenas o são, e por isso se ausentam propositalmente ou não, de seu papel enquanto sujeito participativo nesse processo de educar, e essa ausência torna cada vez mais difícil o reconhecimento do outro na diversidade, visto que há um distanciamento entre os sujeitos, e nesse sentido as identidades de professor e aluno não são percebidas como identidades que se ajudam, se ouvem, dialogam e interagem, cada qual com sua contribuição, em uma relação de parceria e não de autoritarismo.

Portanto, quando existe a preocupação em reconhecer o outro, todo o resto se torna possível, pois, surge não apenas a necessidade, mas a vontade de estabelecer uma relação de afeto, que impulsiona e enriquece a aprendizagem do aluno. O discurso deixa de ser apenas justificado pelo “tenho que fazer” e passa a

justificar-se também pelo “quero fazer” e isso dá sentido ao processo de aprendizagem, que se torna prazeroso tanto para os professores, que tornam-se motivados a planejar aulas mais dinâmicas e significativas, quanto para os alunos, que se tornam mais criativos e abertos a mudanças, pois, são estimulados a estarem sempre questionando-se, e pensando em algo novo.

Diante da possibilidade de imergir no cotidiano da turma do 2° Ano “G”, notou-se que as ações da docente principalmente no caso do aluno João, eram baseadas no reconhecimento do outro e na afetividade, porém, os fatores externos especialmente a estrutura física e a falta de recursos disponíveis, influenciavam bastante suas ações. Wallon (2001) defende a importância de organizar o espaço da sala de aula de forma que a criança possa se movimentar e aprender através da utilização de materiais lúdicos, tal pensamento reforça a necessidade de haver um espaço que estimule a liberdade e a criatividade da criança para que haja o desenvolvimento almejado.

Assim como um espaço adequado, Wallon (2001) afirma que há a necessidade de considerar a criança como um ser inteiro, dotado de inteligência e emoção, sendo portanto, capaz de relacionar o cognitivo com o afetivo e interagir com o outro e com o meio através da transformação da afetividade orgânica em manifestações sociais.

Ao relacionar principalmente as teorias de Wallon (2001) e Vygotsky (1991) com a questão abordada neste trabalho, percebe-se a necessidade do professor estar sempre atento e disposto a conhecer verdadeiramente seus alunos, para não fazer julgamentos precipitados de suas condutas nem criar estereótipos. Além disso, é importante compreender que estabelecer uma relação pautada pela definição identitária, deve ir além de considerar os diferentes papéis atribuídos através da organização do espaço escolar, ela começa antes de tudo no autoconhecimento, no prazer da companhia, na riqueza da diversidade e na capacidade de reconhece-la, agindo sempre de maneira progressiva.

> O educador progressista precisa estar convencido como de suas consequências é o de ser o seu trabalho uma especificidade humana. A condição humana fundante da educação é precisamente a inconclusão de nosso ser histórico de que nos tornamos conscientes. Nada que diga respeito ao ser humano, à possibilidade de seu aperfeiçoamento físico e moral, de sua inteligência sendo

> produzida e desafiada, os obstáculos a seu crescimento, o que possa fazer em favor da boniteza do mundo como de seu enfeamento, a dominação a que esteja sujeito, a liberdade por que deve lutar, nada que diga respeito aos homens e às mulheres pode passar despercebido pelo educador progressista. (FREIRE, 2014, p.140).

Há portanto a possibilidade de seguir progredindo ou retrocedendo, e até mesmo de ficar estagnado, e nesse processo, as relações que consolidamos podem fazer a diferença, principalmente tratando-se da relação entre professor e aluno. O educador progressista é aquele que preza pelos detalhes, pelo cuidado no trato, e principalmente pela valorização da inconclusão do ser, característica que resume a condição humana e reafirma a necessidade de educar para a transformação.

Porém, até mesmo o professor progressista não está isento de enfrentar as adversidades do dia-a-dia, como visto no caso observado na escola analisada, pois, há uma grande influência de fatores externos presentes no ambiente escolar que se tornam verdadeiros obstáculos a serem enfrentados. Portanto, na prática docente existem situações inesperadas que podem se tornar negativas ou positivas, dependendo da forma com que o docente conduzir a situação. A este respeito, Morales (2001) afirma que:

> Podemos ensinar algumas tantas coisas com nossas explicações, e outras diferentes com o que somos, com nossa maneira de nos relacionar com os outros. Nesses efeitos não-intencionais, mas importantes, é que entra em jogo nossa relação com os alunos dentro da sala de aula. Essa relação é entendida, ao menos para começar a tratar desses temas, de maneira global. Tudo é relação e comunicação; até mesmo o modo de olhar os alunos diz algo para eles. (MORALES, 2001, p. 17).

Portanto, diante do inesperado, a essência do docente, seus ideais, e o preparo, advindo de sua formação, podem servir como apoio na condução da situação, cabendo ao docente intervir de maneira efetiva porém singela, até mesmo como forma de preservar todos os que não fazem parte da situação, assim como os envolvidos.

Ainda sobre os efeitos não-intencionais, Morales (2001) reforça que o professor pode ensinar mais com o que é do que com aquilo que pretende ensinar, seu modo de fazer as coisas implica mensagens implícitas de efeitos que podem ser positivos ou negativos, como dito anteriormente. Diante disso, ao professor resta

compreender que educação é um ato político, e como tal, exige do professor um posicionamento diante de tudo que envolve educação, mas que posicionar-se não significa exigir do outro o mesmo posicionamento, nem tampouco fechar-se para novos pontos de vista.

> [...] Jamais foi fraca em mim a certeza de que vale a pena lutar contra os descaminhos que nos obstaculizam de Ser Mais. Naturalmente, o que de maneira permanente me ajudou a manter esta certeza foi a compreensão da história como possibilidade e não como determinismo, de que decorre necessariamente a importância do papel da subjetividade na história, a importância da capacidade de comparar, de analisar, de avaliar, de decidir, de romper, e, por isso tudo a importância da ética e da política. (FREIRE, 2014, p. 142).

Dessa forma, conclui-se que somente é possível “Ser Mais” através de luta, seja ela política, histórica, e/ou cotidiana através das dificuldades encontradas no meio educacional, e isso implica em não conformar-se com um sistema que insiste em tornar padrão o que é diverso, que faz com que se pense ser apenas mais um em meio a tantos outros, pois, isso torna turvo o olhar que poderia ser atento aos detalhes implícitos nas relações, sendo portanto, sensível ao reconhecimento do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho tive a felicidade de me deparar com teorias exemplares, que me proporcionaram reflexões ricas em sabedoria e deram todo o suporte necessário para a realização do mesmo. Além do aporte teórico, o presente trabalho teve como diferencial a imersão no cotidiano de uma escola pública situada no Plano Piloto, especialmente da turma escolhida para a realização das observações.

Considero o tema escolhido extremamente importante e atual, pois, mesmo que seja frequentemente discutido no meio acadêmico, está sempre em evidência, por se tratar de algo essencial e inevitavelmente presente no ambiente educacional. Diante das perspectivas descritas ao longo do trabalho, e de todas as outras existentes, relacionadas à relação professor-aluno, foi possível fazer reflexões acerca da prática que exercemos e da postura que adotamos em nosso cotidiano, e a possibilidade de refletir é certamente um privilégio, além de ser a principal função do referido trabalho.

Afim de tornar a discussão proposta mais consistente, realizou-se uma pesquisa de revisão bibliográfica, que reuniu as principais teorias que permeiam a

temática escolhida, e que contribuíram com outras visões construídas a partir de análises criteriosas realizadas anteriormente, tais teorias comprovaram a necessidade de se discutir constantemente as diferentes formas de se estabelecer relações no cotidiano escolar, especialmente entre professor e aluno.

Com relação ao conceito abordado de Definição Identitária, buscou-se além da realização de um estudo, afim de compreendê-lo, fazer uma releitura das possibilidades de utilizá-lo na prática. Na busca por reflexões principalmente sobre as possibilidades de melhorar as relações entre professor e aluno, mesmo diante das adversidades presentes no cotidiano escolar, como as observadas no estágio, foi constatado que elas podem ser amenizadas a partir de ações conscientes, que viabilizem um ambiente favorável a aprendizagem e troca de experiências.

O trabalho escrito termina aqui, mas as reflexões são para a vida toda, e diante do estudo realizado é possível concluir apenas que a formação continuada é extremamente necessária para compreendermos as situações cotidianas que envolvem as relações que estabelecemos nos lugares que passamos. A temática abordada neste trabalho é apenas uma pequena parte do todo que envolve a profissão de docente, e que através das reflexões proporcionadas, deve servir de auxílio a todos aqueles que visam uma prática educativa libertadora.

> É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria prescinda de formação científica séria e da clareza política dos educadores e educadoras. A Prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança, ou lamentavelmente, da permanência do hoje. (FREIRE, 2014, pg. 139)

Portanto, é possível estabelecermos relações através de práticas educativas transformadoras, capazes de relacionar conhecimento e profissionalização com afetividade e criatividade que embora sejam conceitos diferentes, quando se trata de educação, possuem o mesmo objetivo: educar para a transformação.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao longo do curso de Pedagogia, pude conhecer e compreender as diversas possibilidades de se exercer a profissão de Pedagogo(a), de diferentes maneiras, em diferentes espaços, e de todas as disciplinas que cursei, aquelas com as quais me identifiquei verdadeiramente foram as voltadas para as especificidades presentes em uma relação entre professor e aluno, que me fizeram refletir sobre as possibilidades de intervenção em realidades a ponto de torná-las melhores e repletas de sentido.

Tive a felicidade de conseguir um emprego na área antes mesmo de concluir a graduação, e quero portanto continuar por algum tempo trabalhando em sala de aula na Instituição atual. Ainda não decidi se vou seguir carreira pública, o que almejo para minha carreira profissional, é continuar estudando bastante e me especializando através de um mestrado em áreas relacionadas à temática trabalhada nesta monografia, para me tornar uma profissional capaz de fazer a diferença, contribuindo sempre em todos os lugares por onde passar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORALES, Pedro. **A Relação professor-aluno: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2001.

Formação de professores e prática pedagógica/ José Batista Neto e Eliete Santiago (Orgs.). Cap.12 – Recife: Fundamentação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa/** Paulo Freire – 48° ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

Faculdades de Educação e políticas de formação docente/ organizadores Célio da Cunha, José Vieira de Sousa, Maria Abádia da Silva. – Campinas, SP: Autores Associados/ Brasília, DF: Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, UnB, 2014. – (Coleção Políticas Públicas de Educação/ organizadores Célio da Cunha, José Vieira de Sousa, Maria Abádia da Silva).

HIRSHORN, Monique. **L'ére des enseignants**. Paris: PUF, 1992. In. **Formação de professores e prática pedagógica/** José Batista Neto e Eliete Santiago (Orgs.). – Recife: Fundamentação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: Identidade e saberes da docência.** São Paulo: Cortez, 1999. In. **Formação de professores e prática pedagógica/** José Batista Neto e Eliete Santiago (Orgs.). – Recife: Fundamentação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.

LAMÔNACO, Beatriz Penteado. **Aprender: Verbo transitivo: A parceria professor-aluno na sala de aula.** São Paulo: Summus, 2002.

Revista NOVA ESCOLA. Edição 246, OUTUBRO 2011. Título original: **O que afeta a criança.**

ANEXO 1

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Projeto 4. Fase 2

Professoras: Kátia Curado e Shirleide Pereira

Aluna: Débora da Mata

DIÁRIO DE BORDO

VERSÃO ADAPTADA.

1° FASE: Caracterização da Escola.

Brasília, 7 de Abril de 2014.

Apresentação da Escola.

A Escola analisada foi fundada em 13 de Março de 1984 pelo governador da época José Ornellas de Souza Filho. Seu nível de ensino é o de Educação Básica, com as seguintes modalidades: Educação Infantil, Ensino Fundamental(1° a 4° série) e Ensino Fundamental de 9 anos(B.I.A).

É bastante acolhedora, tanto fisicamente, através de espaços coloridos e alegres e de salas de aula bem ornamentadas, como também através da cordialidade dos funcionários da escola, todos me receberam muito bem.

Em meu primeiro dia na escola fui recebida pela coordenadora Raquel. Ela me apresentou a escola, me mostrando os ambientes e salas de aula (passamos nas portas das salas discretamente para não atrapalhar o andamento das aulas).

Observando o espaço físico da escola, pude perceber que as salas de aula buscam seguir um padrão, todas são coloridas, possuem alfabeto exposto, quadro branco, mural externo (que trabalham temas voltados para as datas comemorativas) e um cantinho reservado para a leitura que possui uma pequena prateleira cheia de livros, onde o aluno pode escolher um livro para ler nos momentos de leitura e também em intervalos entre uma atividade e outra.

Na hora do recreio as crianças brincam no pátio e/ou num parquinho de areia que fica na entrada da escola na parte lateral. Outro fator importante e que acrescenta muito na formação dos alunos, é a oferta de aulas extracurriculares como o yoga, ballet, capoeira, e etc. que atendem aos estudantes e também a comunidade. Além disso, a escola possui uma APM ativa, com reuniões que ocorrem no horário de coordenação junto com os professores.

Brasília, 14 de Abril de 2014.

Conhecendo o Projeto Político Pedagógico.
Apresentação.

Atualmente o PPP da escola está em construção, e o PPP que tive acesso é o de 2008 época em que a diretora era a senhora Maristela Costa Bonfim e a vice-diretora era a senhora Lucielena Mugarte Carvalho Coimbra. Esse PPP foi

elaborado por todos os segmentos da escola, inclusive os pais dos alunos, e se divide em 13 partes: Apresentação, Introdução, Dados de identificação, Missão, Histórico da Instituição educacional, Diagnóstico, Objetivos, Princípios Norteadores, Organização Administrativa, Organização Curricular, Avaliação, Bibliografia, e Anexos.

Na apresentação o PPP discorre a respeito das metas, projetos e práticas da escola. Seu principal objetivo é a melhoria da qualidade do ensino público e para atingi-lo a escola se fundamenta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e em documentos decorrentes. A escola desenvolve Projetos próprios juntamente com os projetos sociais e pedagógicos do GDF dando sempre ênfase à “Pluralidade Cultural”, destacando a importância de uma inclusão bem feita dos alunos PNEEs e também à questão da sustentabilidade.

Na Introdução é dito que a Proposta Pedagógica do ano de 2008 foi essencialmente trazer à tona valores obscurecidos pelo contexto sociocultural nacional e internacional, principalmente no que diz respeito ao tema escolhido como principal: Sustentabilidade, a fim de despertar nas crianças a importância e a necessidade de se conscientizar e perceber a importância de cuidarmos do nosso planeta, deixando sempre claro que é nossa responsabilidade enquanto cidadãos.

Dados da Instituição Educacional

Data de Fundação: 13/03/1984

Nível de Ensino e modalidades:

Educação básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental(1° a 4° série) e Ensino Fundamental de 9 anos(B.I.A).

Missão.

Segundo o PPP de 2008, a escola está fundamentada em valores humanísticos/Filosóficos e tem como missão formar cidadãos críticos, éticos e preparados para superar os desafios impostos pelo mundo globalizado e interferir positivamente na sociedade em que vivem.

Histórico da Instituição Educacional.

A escola foi fundada pelo então governador da época José Ornellas de Souza Filho no dia 13 de Março de 1984. O projeto inicial tinha como objetivo atender as pessoas da quadra onde a escola está inserida, porém, com o passar do tempo o perfil dos alunos mudou e a escola passou a atender alunos vindos de outras localidades.

A estrutura física inicial era composta de: 10 salas de aula, 01 cantina, 01 biblioteca, 01 secretaria, 01 direção, 01 sala de professores, 01 sala de auxiliares de educação, 09 banheiros e uma sala de arquivo. Em 2008 essa estrutura física era composta por: 01 sala de informática, 09 salas de aula, 01 sala de recursos, 01 biblioteca, 01 secretaria, 01 direção, 01 sala de professores, 01 sala de SOE, 01 sala de auxiliares da educação, 07 banheiros, 02 depósitos de materiais, 01 depósito de gêneros alimentícios, uma sala de arquivo, pátios e jardins externos.

Infra-Estrutura e Instalações.

A escola possui prédio próprio, bem conservado, porém, parte do mobiliário se encontrava em estado precário (armários, mesas e cadeiras), atualmente pude perceber que houve uma melhoria no mobiliário, chegaram carteiras e mesas novas de 2008 para cá, porém os armários das professoras ainda estão bem “velhinhos”. Outro quesito importante questionado no PPP da escola, é a melhoria dos espaços comuns da escola, no sentido de garantir melhor acesso principalmente para os alunos cadeirantes.

Clientela.

A comunidade escolar é composta, por: militares, comerciários, pequenos empresários, empregados domésticos, porteiros, e outros profissionais que residem e/ou trabalham nas quadras vizinhas à quadra onde a escola está situada. Na época, o total de alunos era de 445, sendo 233 meninos e 212 meninas. Dessa quantidade 43% reside na asa norte.

Instituições Escolares.

APM;

Conselho Escolar.

Influência da Legislação.

Dentre muitas outras leis e diretrizes presentes no PPP da escola, é destacada no texto a Lei no. 9394/96, LEI DE DIRETRIZES E BASES que coloca no artigo 3°, no princípio número 1, que o ensino será ministrado com bases na “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.”

Para atingir esse e outros objetivos, a escola enfatiza em seu PPP a importância da articulação entre escola e comunidade através da APM e de projetos, e através de um corpo docente graduado, que busca constante aprimoramento dos estudos através de cursos de capacitação, seminários internos e externos à escola, congressos, etc. Inclusive com o objetivo de aperfeiçoar a equipe são oferecidos cursos na EAPE como: cursos de educação infantil, educação inclusiva, Bloco de iniciação à alfabetização, e cursos para capacitação de docentes para melhor atender aos alunos PNEEs.

Princípios Norteadores.

O respeito é citado no PPP da escola como o grande Princípio Norteador em suas mais variadas formas: respeito a si mesmo, respeito ao próximo, respeito ao mundo em que vivemos, visando formar cidadãos politizados e participantes respeitando sempre os limites. A escola procura dessa forma proporcionar o desenvolvimento integral dos alunos enquanto sujeitos oferecendo todo tipo de orientação: orientação sexual, orientação sobre drogas, orientações sobre a inclusão e sobre os cuidados com o meio ambiente.

Espaço utilizado pelos alunos e professores.

Dentre os espaços utilizados pelos alunos e professores, o que eles provavelmente passam a maior parte do tempo é a sala de aula. As salas de aula são bastante coloridas, ambientadas e conservadas, porém, uma questão frequentemente levantada pelos pais dos alunos é o fato das salas serem muito pequenas, sendo difícil trabalhar com a grande quantidade de alunos por turma.

Formação de professores.

Além dos cursos ofertados na EAPE, são propósitos das coordenações coletivas estudar o currículo, o Estatuto da criança e do adolescente, e as necessidades especiais sempre buscando acrescentar informações fundamentais à formação do professor.

Projetos.

A escola possui projetos internos e externos, listados a seguir:

- Projetos fomentados pela SEDF:

Ciência em Foco; Bloco Inicial de Alfabetização; implantação/implementação do ensino fundamental de 9 anos; Saúde do trabalhador; Consciência Negra; Inclusão; Pdaf; Escola Integral.

- Projetos internos:

Recreio; limpeza/conservação; economia; show de talentos; escola integral; a escola para a comunidade; reforço escolar; estagiário-bolsista; biblioteca; sala de recurso; projeto DF limpo. Atualmente a escola oferece aulas de Yoga, capoeira, Balé (para crianças), dança do ventre (para crianças e adultos), e aulas de inglês e espanhol abertas à comunidade.

2°FASE: Acompanhamento em sala de aula.

Brasília, 23 de Abril de 2014.

Turma observada: 2°Ano “B”.

Neste dia observei a turma do 2° Ano, que tem por volta de 24 alunos tendo um aluno com suspeita de Altas Habilidades. A professora regente se chama Luciene (nome fictício), ela é formada em Pedagogia e atua a mais de vinte anos em sala de aula.

Assim que cheguei fui apresentada a turma pela professora, que explicou o motivo de eu estar ali observando a aula. Falei que assim como eles, eu também estava estudando e que iria aprender muito com a professora Luciene, e eles acharam muito estranho o fato de uma pessoa adulta ainda estar aprendendo, percebi nessa hora como essa mistificação do professor que só ensina e sabe de tudo, está impregnada nas crianças, principalmente nessa fase inicial (educação infantil e ensino fundamental I).

A professora logo me perguntou como seria meu estágio, e se eu já havia escolhido uma turma para observar, respondi que ainda estava escolhendo, pois, havia sido recomendado que passasse por turmas diferentes até escolher uma turma fixa, mas que tinha interesse maior por turmas de 1° e 2° ano. Ela me deixou

super a vontade para escolher a turma dela caso quisesse. Durante toda a tarde, pude não só observar a aula como também participar das atividades com a turma, auxiliando as crianças sempre que era solicitada ou percebia a necessidade de ajudar.

Em um determinado momento, a professora Luciene me pediu que aplicasse a Provinha Brasil para quatro crianças que haviam faltado no dia da prova. Antes, ela me perguntou se havia algum problema e eu disse que não. Então ela me explicou como deveria conduzir a prova e eu fui com os alunos até uma mesinha que ficava no pátio da escola em um cantinho reservado e apliquei a prova. Era uma prova de Português, alguns demonstraram dificuldade na leitura dos textos, mas no geral fizeram a prova com bastante facilidade.

Quando voltamos para a sala, tocou o sinal (que é sempre uma música infantil) para o lanche/Recreio. Depois do recreio, a professora continuou as atividades do dia e me pediu que aplicasse novamente a Provinha Brasil para as mesmas crianças, só que agora na modalidade de matemática.

Assim que terminei de aplicar a Prova, fiquei observando as crianças terminarem as atividades e vi que o João (aluno com suspeita de Altas habilidades) estava disperso, brincando com carrinhos de miniatura e não parava sentado. Me aproximei dele e começamos a conversar. Perguntei porque ele não estava fazendo a tarefa, e ele respondeu que era muito chata e que ele não gostava de escrever. Como a atividade tinha alguns textos para ler, perguntei então se ele não queria pelo menos ler os textos sem escrever nada, e começamos a ler os textos juntos até que o sinal da saída tocou e precisamos parar por ali.

Brasília, 30 de Abril de 2014.

Turma observada: 2°Ano “B”.

Na véspera do Dia do Trabalho, a professora abordou o conteúdo de história através de um texto retirado do livro texto que falava sobre o trabalho infantil, de como ele acontecia antigamente com maior aceitação e como ele ainda acontece nos dias de hoje mesmo sendo proibido, fazendo um “link” com o tema “Profissões”, e explicando a importância do trabalho na vida adulta.

Num primeiro momento a professora pediu aos alunos que fizessem uma leitura individual e silenciosa do texto, e depois fizeram uma leitura coletiva e discutiram acerca do que foi lido.

Depois da leitura do texto, a professora escreveu no quadro algumas perguntas sobre o assunto para serem respondidas. Novamente o João não quis escrever no caderno e ficou brincando e andando pela sala. Conversei com ele de novo, e ele voltou a dizer que não gostava de escrever porque achava muito chato e cansativo. Conversamos um bom tempo sobre a importância de fazer as atividades para aprender, mas dessa vez não adiantou o João se manteve resistente até o fim. Até que a professora disse para não me preocupar mais, pois, ele faz as coisas no tempo dele, somente quando quer. Deixei ele brincando então e fui ajudar as outras crianças, mesmo me sentindo incomodada.

Depois do lanche/recreio, a professora Luciene pediu que as crianças que não haviam terminado a atividade antes do recreio terminassem e enquanto isso, as outras crianças terminavam uma atividade de português no caderno iniciada no dia anterior. Fiquei auxiliando as crianças, e conversando com o João sobre coisas aleatórias, até que ele resolveu fazer alguma coisa. Mas ele mal começou a fazer a atividade, quando de repente ele resolveu que não queria mais fazer nada.

Brasília, 7 de Maio de 2014.

Turma observada: 2° Ano “B”

Assim que cheguei encontrei João fora de sala, passeando pelo pátio. Perguntei a ele porque estava fora de sala e ele me disse que pediu para ir ao banheiro. Entrei na sala e só depois de uns 10 minutinhos João voltou para sala de fininho, acredito que estava com medo de levar uma bronca pela demora para ir ao banheiro.

Quando cheguei eles já haviam começado a fazer uma atividade de matemática no livro texto, cumprimentei a professora e já comecei a ajudar as crianças que tinham dúvidas.

Já tinha reparado como a professora Luciene é paciente e cuidadosa com as crianças nas outras observações, mas nesse dia fiquei pensando especialmente nisso, e observei que em momento algum a professora precisou aumentar o tom de voz, mesmo quando a turma estava bastante agitada. Também percebi que ela sempre toma o cuidado de não expor a criança quando precisa chamar atenção, especialmente no caso de João, que está sempre muito agitado e conversas mais sérias são recorrentes, porém, mesmo com bastante cuidado, ainda assim as crianças conseguem perceber a maneira “exclusiva” que ela trata João.

Fizemos uma pausa para o lanche/recreio e quando retornamos as crianças continuaram a fazer as atividades de matemática no livro. Continuei ajudando as crianças e no final do dia a professora me perguntou se eu poderia ajudá-la a preparar a tarefa de casa colando as fichas no caderno, eu disse que sim e a ajudei.

Brasília, 19 de Maio de 2014.

Turma observada: 2° Ano “B”.

No início da aula a professora passou algumas páginas no livro de Matemática que trabalhava continhas de Adição e Subtração por meio da representação por Material Dourado. A medida em que as crianças iam terminando, a professora fazia a correção da página no quadro.

Durante essa atividade fiquei ajudando as crianças que ficavam para trás, alguns por dificuldade mesmo e outros por conversarem e se dispersarem. Nesse dia João estava super disperso, brincando com seus carrinhos.

A professora pediu várias vezes para ele guardar os carrinhos e prestar atenção na atividade, mas mesmo assim, ele continuou brincando. Até que uma hora, além de brincar com os carrinhos João começou a assobiar bem alto. Nesse momento a professora chamou-o fora da sala e teve uma conversa muito séria com ele, fizeram um combinado, e voltaram para a sala. Num primeiro momento, João obedeceu e seguiu o combinado, mas alguns minutos depois voltou a se dispersar e andar pela sala.

Quando tocou o sinal do recreio, todos foram dispensados menos João, que ficou sentado num banquinho de madeira no pátio conversando com a professora

Luciene. Depois de uma longa conversa, a professora foi para a sala dos professores e João continuou sentado no banquinho até o final do Recreio.

Quando voltou do Recreio João melhorou um pouco seu comportamento, mas ainda assim continuou disperso... Percebi que ele estava muito agitado naquele dia.

As crianças continuaram as atividades no livro de Matemática até umas 16h30 mais ou menos, depois a professora passou uma ficha de Português para eles fazerem em sala e uma outra para colarem no caderno de dever de casa. Quando deu mais ou menos 17hs, e os alunos haviam terminado a tarefa de sala, a professora deu um horário para eles desenharem. Perto das 18hs começamos a organizar a sala para irmos embora.

ANEXO 2

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Disciplina: Projeto 4/Fase 2

Professoras: Kátia Curado e Shirleide Pereira.

Aluna: Débora da Mata

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

PROJETO 4

Brasília, DF.

2014

APRESENTAÇÃO

Este estudo trata da relação Professor-aluno e sua importância no processo pedagógico. Essa relação, está diretamente ligada ao processo pedagógico, que é um processo que se dá através de relações pedagógicas que envolvem os “sujeitos pedagógicos” e o conhecimento.

A relação pedagógica tem como principal característica o fato de realizar-se na Instituição Escola, onde os processos de ensino e aprendizagem ocorrem na maior parte do tempo, no ambiente da sala de aula, e durante esse processo, é estabelecida a relação do professor com seu grupo de alunos. Durante esse período, laços são estabelecidos entre esses sujeitos, e independentemente da rigorosidade estabelecida, a relação pedagógica sempre será uma “Prática coletiva”.

Durante o período de estágio, foram observados vários aspectos presentes na escola escolhida, e notou-se no caso da turma observada, que a relação professor-aluno é extremamente determinante no processo pedagógico, de maneira que a associação dos conhecimentos previstos por parte dos alunos se torna naturalmente possível, sem que haja a necessidade de impor a participação dos mesmos nas atividades propostas.

Assim, não se pode falar em relação pedagógica sem levar em consideração as relações que se estabelecem entre os sujeitos, e consequentemente entre estes e o conhecimento, ocasionando os processos ensino e aprendizagem de maneira significativa.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS ACERCA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.

Não se pode falar em relação professor-aluno sem antes falar em relação pedagógica, pois, a relação professor-aluno se estabelece no cotidiano da escola, em ambientes como a sala de aula onde a dinâmica proposta pela instituição serve como norteadora do processo de ensino e aprendizagem, e é conduzida pelo professor. Assim, segundo José Batista Neto (2006), pode-se dizer que a relação professor-aluno é um elemento central da relação pedagógica que constitui a instituição escolar.

Ainda segundo o autor, a relação pedagógica pode assumir um caráter público, como o currículo, o material de ensino, as normas de avaliação, entre outros, e privado, pois, se realiza na intimidade da sala de aula, longe dos olhares externos a ela.

Segundo Hirshorn (1993), o respeito a normas que regulem a relação pedagógica, e adesão aos objetivos educacionais institucionais são condições para a realização dos processos Ensino e Aprendizagem. Havendo o cumprimento dessas normas e objetivos com o auxílio e mediação do professor, é possível que haja uma relação harmoniosa, onde a consequência é uma aprendizagem significativa, dotada de experiência e sentido.

O par Sentido/Experiência proposto por BONDÍA (2002) em seu texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, nos possibilita pensar a educação de maneira mais humana, onde por trás de tudo que é feito, há um sentido, um motivo, e onde nós enquanto educadores detemos um controle saudável da palavra e do conhecimento, sem que haja abuso de autoridade e imposição de uma única forma de se pensar a fim de proporcionarmos uma relação professor-aluno saudável. Mais uma vez, a relação professor-aluno está presente na relação pedagógica, reforçando sua centralidade nesse processo.

Por fim, outra característica da relação pedagógica, é o fato de que professor e aluno estabelecem uma relação onde ambos não são escolhidos, e mesmo assim, muitas vezes acabam se dando bem. Acredito que a relação estabelecida entre ambos é dotada de muitos momentos de aprendizagem e cuidado com o outro, e que estes momentos somente são válidos quando há uma experiência que vai determinar se essa relação é positiva ou não. Caso não seja, há sempre a possibilidade de mudança de escola por ambas as partes.

Ao falar sobre experiência, recorro a BONDÍA (2002) que afirma que experiência é aquilo que nos passa, ou que “nos toca”, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma (p.26). Afirma ainda que a cada dia se passam muitas coisas, e mesmo assim quase nada nos acontece, pois, não vivenciamos de fato. Diante disso, fica claro mais uma vez, a importância da mediação do professor possibilitando aos alunos a experiência, cuidando para que

eles consigam perceber o mundo a sua volta, e não deixem os acontecimentos passarem sem que sejam formados e/ou transformados.

A Relação Pedagógica portanto, é uma prática que envolve sujeitos pedagógicos e conhecimento, além de outros fatores ligados a ela que possibilitam que ela seja de qualidade.

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO.

Durante o período de observação na escola, tive a oportunidade de participar das atividades e da rotina dos estudantes. Presenciei situações variadas que envolviam todos os sujeitos pedagógicos, do aluno a diretora da escola. Porém, de tudo que observei o que mais me chamou atenção foi a relação estabelecida entre a professora regente da turma do 2° Ano “B” e seus alunos.

Segundo José Batista Neto (2006), é inerente à aprendizagem de um grupo realizar-se a ritmos e duração distintos, diferente da Pedagogia Tradicional, que acredita que se deve assegurar a igualdade de oportunidades ainda que isso implique na negação da existência das desigualdades de condições. Acredito que essa afirmação, em seu ponto positivo, seja a que define melhor a relação professor-aluno estabelecida na turma observada, visto que a professora respeita e entende os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos, de forma que são proporcionadas situações de aprendizagem significativa a todo o tempo.

Essa aprendizagem significativa que a meu ver ocorria naturalmente na turma observada, se dava principalmente pelo fato de que a professora enquanto mediadora do processo educativo, se preocupava em proporcionar um ensino centrado no aluno, valorizando seus conhecimentos prévios e experiências vividas anteriormente, possibilitando que vivessem novas experiências sociais com o meio o qual estão inseridos, através de atividades direcionadas com maestria.

Com relação à mediação do professor, ainda segundo o autor, a relação professor-aluno está ligada a assimetria entre os sujeitos pedagógicos, de modo que se tenha uma “definição identitária” onde os papéis desempenhados por cada um não se confundam (p.167). Sabemos que o professor não só ensina como também aprende nesse processo de educar o outro, porém, é necessário que haja essa

definição de papéis assim que a relação entre professor e aluno se estabelece para se obter êxito durante todo o processo pedagógico.

Essa relação entre os papéis definidos e as relações pedagógicas de êxito, também está presente na atuação da professora observada. Pude perceber isso principalmente nos momentos de atividade, onde a turma demonstrou respeito e confiança na atuação da professora, e a mesma demonstrou segurança e paciência diante da diversidade de conhecimentos e experiências sociais existentes na turma, o que demonstra respeito ao fato de que na relação pedagógica, professores e alunos possuem níveis diferenciados de compreensão da mesma prática social.

Acredito que essa relação de respeito, confiança, segurança e paciência entre professora e alunos se deu também pelo fato de que certamente, há uma preocupação por parte da professora em planejar as aulas e atividades de maneira cuidadosa, procurando atender às necessidades de todos os alunos. E todo esse cuidado é retribuído pelos alunos através do carinho e referência positiva que possuem e direcionam à professora.

GASPARIN (2002), referindo-se ao papel de guia do professor no processo pedagógico afirma:

> *"Na prática pedagógica, a diferença entre os dois posicionamentos, deve-se, entre outras razões, ao fato de o professor, antes de iniciar seu trabalho com os alunos, já ter realizado o planejamento de suas atividades e vislumbrar todo o caminho a ser percorrido, possuindo, assim, uma visão de síntese de todo o processo. Sua própria condição de guia do trabalho pedagógico implica que já tenha realizado, como preparação, todo o percurso pelo qual o aluno vai passar." (p.16).*

Esta afirmativa apenas confirma o que foi dito anteriormente, sobre a importância da preparação e do planejamento por parte do professor no desenvolvimento das aulas e de todo o processo pedagógico. Considero que este seja um dos pontos mais significativos na atuação da professora observada.

Outro ponto significativo e que se torna um diferencial, é o clima de liberdade de expressão proporcionado na sala de aula que ocasiona o exercício da crítica e respeito às diferenças de saberes, de valores e de opiniões (Formação de professores e prática pedagógica, p.173). Esse clima é tão perceptível que em todas

as minhas observações, me senti à vontade para intervir nas relações entre alunos-professora e aluno-aluno, o que certamente enriqueceu minha experiência de estágio.

Em resumo, BONDÍA (2002) afirma em seu texto que somente o “sujeito da experiência” é capaz de viver verdadeiramente uma experiência, e diante disso ser transformado (p.26). Acredito que deva ser a experiência nosso maior objetivo, não só no processo educacional, como também na vida. E nós enquanto educadores não só podemos, como devemos proporcionar aos nossos alunos a possibilidade de viver experiências, através de uma prática de ensino crítica, que busca elevar a qualidade de formação dentro das escolas para que ela se reflita também fora do campo educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou demonstrar a importância da relação professor-aluno no processo pedagógico através de uma análise pautada em referências teóricas, das observações de campo feitas ao longo do período proposto.

Além do que foi observado durante o estágio na Escola escolhida, as bibliografias acerca do assunto foram extremamente importantes, e serviram como suporte para a realização deste relatório. Todo o conteúdo exposto neste trabalho é apenas um ponto de partida para entendermos a relação professor-aluno, que é uma relação bastante complexa, e que possui em sua estrutura muitos detalhes, que juntos tornam esta relação mais significativa ao professor e consequentemente ao aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Formação de professores e prática pedagógica/ José Batista Neto e Eliete Santiago (Orgs.). – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.

Uma Didática para a pedagogia Histórico-crítica/ João Luiz Gasparin. – 5 ed. rev., 1. Reimpr. – Campinas, SP: Autores Associados, 2011. – (Coleção educação contemporânea).

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. n.19, p.20 – 28, jan/fev/mar/abr. 2002.